



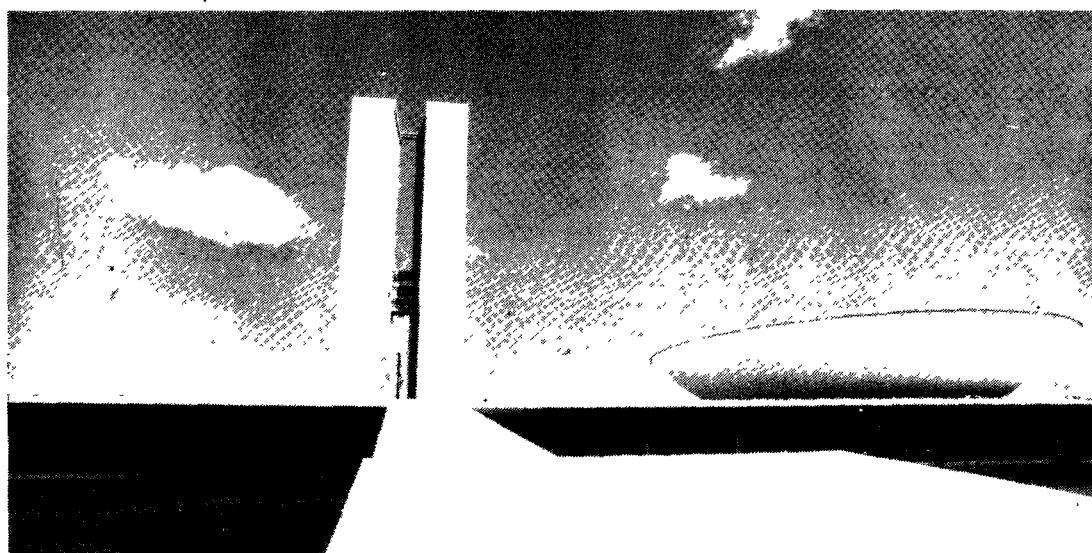
# República Federativa do Brasil

## DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXXVIII — Nº 100

CAPITAL FEDERAL

QUINTA-FEIRA, 1º DE SETEMBRO DE 1983



## CONGRESSO NACIONAL

### SUMÁRIO

#### 1 — ATA DA 249ª SESSÃO CONJUNTA, EM 31 DE AGOSTO DE 1983

*Sessão solene destinada a homenagear a memória de Simón Bolívar, pelo transcurso do segundo centenário do seu nascimento*

#### 2 — ATA DA 250ª SESSÃO CONJUNTA, EM 31 DE AGOSTO DE 1983

##### 2.1 — ABERTURA

##### 2.2 — EXPEDIENTE

##### 2.2.1 — Discursos do Expediente

**DEPUTADO DENISAR ARNEIRO** — Opinião de banqueiros internacionais, publicada no *Wall Street Journal*, a respeito do desempenho de funcionários brasileiros na condução de nossa dívida externa.

**DEPUTADO MARCONDES PEREIRA** — Memorial de cidadãos de São José dos Campos — SP, manifestando sua inconformidade com o difícil quadro que atravessa o País.

**DEPUTADO FARABULINI JÚNIOR** — Defesa da rejeição do Decreto-lei nº 2.045/83.

**DEPUTADO SÉRGIO CRUZ** — Considerações sobre as denúncias de corrupção que vêm sendo feitas no País.

**DEPUTADO FRANCISCO AMARAL** — Registro do 41º aniversário do voo inaugural da VARIG para o exterior e inauguração de novo terminal de cargas daquela empresa no aeroporto de Campinas.

**DEPUTADO JOSÉ FOGAÇA** — Política salarial do Governo.

**DEPUTADO CARDOSO ALVES** — Comentário sobre artigo publicado na *Folha de S. Paulo*, na parte referente a boicote de anúncios do governo a órgãos da imprensa que menciona.

**DEPUTADO JOSÉ LOURENÇO**, como Líder — Considerações sobre o discurso do Sr. Cardoso Alves, proferido na presente sessão.

##### 2.2.2 — Comunicação da Liderança do PDT na Câmara dos Deputados

— De substituição de membro em comissão mista.

PARECER Nº 91, DE 1983-CN

Da Comissão Mista, incumbida de estudo e parecer sobre a Mensagem nº 92, de 1983-CN (nº 269/83, na origem), do Senhor Presidente da República submetendo à deliberação do Congresso Nacional o texto do Decreto-lei número 2.040, de 30 de junho de 1983, que "altera a legislação do imposto de renda, e dá outras providências".

**Relator: Senador Guilherme Palmeira**

Nos termos do art. 55, § 1.º da Constituição Federal, encaminha o Senhor Presidente da República à consideração do Congresso Nacional o texto do Decreto-lei nº 2.040, de 30 de junho de 1983, o qual introduz alterações na legislação do imposto de renda.

A matéria objeto do diploma em questão diz respeito à faculdade outorgada aos contribuinte e responsáveis do imposto de renda incidente sobre as pessoas físicas de virem a incluir em suas declarações de rendimentos, no exercício de 1984, valores ou bens não declarados até o ano de 1983, desde que depositados em cadernetas de poupança ou que venham servir para a aquisição de obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional ou títulos da dívida pública estadual ou municipal, até 31 de outubro do corrente ano.

Dessa forma, tais valores, auferidos até o dia 31 de dezembro de 1982, não ensejarão a instauração de procedimento fiscal em razão de apuração de acréscimo patrimonial a descoberto.

O benefício em tela condiciona-se todavia, ao prazo de depósito ou de custódia de 2 (dois) anos, exceto a hipótese de utilização dos referidos recursos na subscrição de ações de sociedades anônimas de capital aberto, de empresas de pequeno e médio porte, caso em que aquele prazo fica reduzido para 6 (seis) meses.

Por outro lado, excetuam-se do rol de empresas acima referidas, as instituições financeiras, as seguradoras, as capitalizadoras, as sociedades de prestação de serviços, aquelas que integram a administração indireta e bem assim as controladas por pessoas residentes ou domiciliadas no exterior.

Nesse caso, fica o subscritor impedido de transferir as mencionadas ações por 5 (cinco) anos, sob pena de se tributar o valor da operação na cédula "H" da declaração de rendimentos no exercício correspondente ao negócio.

**EXPEDIENTE**  
**CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL**

**AIMAN GUERRA NOGUEIRA DA GAMA**

Diretor-Geral do Senado Federal

**ALOISIO BARBOSA DE SOUZA**

Diretor Executivo

**LUIZ CARLOS DE BASTOS**

Diretor Industrial

**RUDY MAURER**

Diretor Administrativo

**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL**

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

**ASSINATURAS**

Via Superfície:

Semestre .....	Cr\$ 3.000,00
Ano .....	Cr\$ 6.000,00

Exemplar Avulso: Cr\$ 50,00

Tiragem: 2.200 exemplares

**2.3 — ORDEM DO DIA**

Projeto de Decreto Legislativo nº 72/83-CN, rejeitando o texto do Decreto-lei nº 2.024/83, que dá nova redação ao art. 2º da Lei nº 6.708/79, que dispõe sobre a correção automática dos salários, modifica a política salarial, e dá outras providências. **Apreciação adiada**, em virtude da falta de **quorum** para o prosseguimento da sessão.

**2.4 — COMUNICAÇÃO DA PRESIDÊNCIA**

Convocação de sessão conjunta a realizar-se hoje, às 19 horas e 30 minutos, com Ordem do Dia que designa.

**2.5 — ENCERRAMENTO**

**3 — ATA DA 251ª SESSÃO CONJUNTA, EM 31 DE AGOSTO DE 1983**

**3.1 — ABERTURA**

**3.2 — EXPEDIENTE**

**3.2.1 — Comunicação da Presidência**

Convocação de sessão conjunta a realizar-se amanhã, às 11 horas, com Ordem do Dia que designa.

**3.2.2 — Questão de Ordem**

Suscitada pelo Sr. Haroldo Lima e acolhida pela Presidência, relativa à inexistência de **quorum** para o prosseguimento da sessão.

**3.3 — ENCERRAMENTO**

Prevê, ainda, o texto em exame a tributação do capital restituído ao beneficiado, antes do prazo de 5 (cinco) anos já aludido, aplicando-se sobre o valor tributável a correção monetária, segundo a variação da ORTN, entre o mês da integralização e o da restituição incluindo-se o resultado na cédula, "H".

Por derradeiro, fica o Ministro da Fazenda autorizado, consoante a regra do art. 5º, a expedir os atos concernentes à fiscalização e controle da indisponibilidade dos depósitos e custódia dos títulos nos prazos fixados, bem como à definição das empresas de pequeno e médio porte, forma e condições de subscrição e integralização de suas ações ou quotas.

Verifica-se da síntese do conteúdo do documento legal em análise, que constitui ele verdadeira concessão de remissão tributária e de anistia fiscal, eis que exclui da tributação os rendimentos que venham a ser denunciados pelo sujeito passivo, no exercício de 1984, desde que investido na aquisição de ações ou quotas de empresas referidas no texto, até 31 de outubro deste ano.

Busca-se, assim, em primeiro lugar possibilitar a regularização de grande número de contribuintes que até então deixaram de consignar em suas declarações de bens

valores que dela deveriam constar desde exercícios passados.

Dessa forma, visa-se alcançar uma maior aproximação entre a declaração de bens e a realidade econômica do sujeito passivo da relação jurídico-tributária.

Por outro lado, pretende-se estimular os investimentos em setores que se acham seriamente descapitalizados em face à crise econômica que ora atravessamos.

Assim, os incentivos em tela poderão elevar a capacidade de captação de recursos de sociedades anônimas abertas, empresas de pequeno e médio porte, assim como possibilitarão o aumento de depósitos em cadernetas de poupança.

Tendo em vista que os motivos que justificam a medida em apreço de muito superam os efeitos meramente financeiros que caracterizam a sistemática de fiscalização e arrecadação do imposto de renda, conclui-se que a providência, atende ao interesse público e à própria conveniência da administração.

Ademais, acham-se satisfeitos os pressupostos a que alude o art. 55 da Lei Fundamental, o que legitima a expedição do Decreto-lei ora apreciado.

Pelas razões expostas, somos pela aprovação do seu texto, na forma do seguinte:

**PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO  
N.º 86, DE 1983-CN**

**Aprova o texto do Decreto-lei número 2.040, de 30 de junho de 1983, que "altera a legislação do imposto de renda, e dá outras providências".**

O Congresso Nacional decreta:

Artigo único. É aprovado o texto do Decreto-lei n.º 2.040, de 30 de junho de 1983, que "altera a legislação do imposto de renda, e dá outras providências".

Sala das Comissões, 30 de agosto de 1983.  
— Deputado **Wilson Vaz**, Presidente — Senador **Guilherme Palmeira**, Relator — Deputado **Celso Carvalho** — Deputado **Renato Cordeiro** — Senador **José Lins** — Deputado **João Alberto Souza** — Senador **Afonso Camargo** — Senador **Almir Pinto** — Senador **Jutahy Magalhães** — Senador **Jorge Kalume** — Senador **Jorge Bornhausen** — Senador **Fábio Lucena**.

**Ata da 249ª Sessão Conjunta,  
em 31 de agosto de 1983**

**1ª Sessão Legislativa Ordinária,  
da 47ª Legislatura**

*Presidência do Sr. Nilo Coelho*

**ÀS 10 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES.**

— Jorge Kalume — Altevair Leal — Mário Maia — Eunice Michiles — Fábio Lucena — Raimundo Parente — Claudionor Roriz — Aloysio Chaves — Gabriel Hermes — Hélio Gueiros — Alexandre Costa — João Castello — José Sarney — Alberto Silva — Helvídio Nunes — João Lobo — Almir Pinto — José Lins — Virgílio Távora — Carlos Alberto — Martins Filho — Humberto Lucena — Marcondes Gadelha — Milton Cabral — Aderbal Jurema — Marco Maciel — Nilo Coelho — Guilherme Palmeira — João Lúcio — Luiz Cavalcante — Albano Franco — Lourival Baptista — Passos Pôrto — Jutahy Magalhães — Luiz Viana — João Calmon — José Ignácio — Amaral Peixoto — Nelson Carneiro — Roberto Saturnino — Itamar Franco — Murilo Badaró — Alfredo Campos — Amaral Furlan — Fernando Henri-

que Cardoso — Severo Gomes — Benedito Ferreira — Henrique Santillo — Mauro Borges — Gastão Müller — Roberto Campos — José Fragelli — Marcelo Miranda — Saldanha Derzi — Affonso Camargo — Álvaro Dias — Eneas Faria — Jaison Barreto — Jorge Bornhausen — Lenoir Vargas — Carlos Chiarelli — Pedro Simon — Octavio Cardoso

#### *E OS SRS. DEPUTADOS:*

##### **Acre**

Aluizio Bezerra — PMDB; Amílcar de Queiroz — PDS; Geraldo Fleming — PMDB; José Mello — PMDB; Nossier Almeida — PDS; Ruy Lino — PMDB; Wildy Vianna — PDS.

##### **Amazonas**

Artur Virgílio Neto — PMDB; Carlos Alberto de Carli — PMDB; José Fernandes — PDS; José Lins de Albuquerque — PDS; Josué de Souza — PDS; Mário Frota — PMDB; Randolpho Bittencourt — PMDB; Vivaldo Frota — PDS.

##### **Rondônia**

Assis Canuto — PDS; Francisco Erse — PDS; Francisco Sales — PDS; Leônidas Rachid — PDS; Múcio Athaide — PMDB; Olavo Pires — PMDB; Orestes Muniz — PMDB; Rita Furtado — PDS.

##### **Pará**

Ademir Andrade — PMDB; Antônio Amaral — PDS; Brabo de Carvalho — PMDB; Carlos Vinagre — PMDB; Coutinho Jorge — PMDB; Dionísio Hage — PMDB; Domingos Juvenil — PMDB; Gerson Peres — PDS; Jorge Arbage — PDS; Lúcia Viveiros — PDS; Manoel Ribeiro — PDS; Osvaldo Melo — PDS; Ronaldo Campos — PMDB; Sebastião Curió — PDS; Vicente Queiroz — PMDB.

##### **Maranhão**

Bayma Júnior — PDS; Cid Carvalho — PMDB; Edison Lobão — PDS; Enoc Vieira — PDS; Eptácio Cafeira — PMDB; Eurico Ribeiro — PDS; Jayme Santana — PDS; João Alberto de Souza — PDS; João Rebelo — PDS; José Burnett — PDS; José Ribamar Machado — PDS; Magno Bacelar — PDS; Nagib Haickel — PDS; Sarney Filho — PDS; Vieira da Silva — PDS; Wagner Lago — PMDB.

##### **Piauí**

Celso Barros — PDS; Ciro Nogueira — PMDB; Heráclito Fortes — PMDB; Jonathas Nunes — PDS; José Luiz Maia — PDS; Ludgero Raulino — PDS; Milton Brandão — PDS; Tapety Júnior — PDS; Wall Ferraz — PMDB.

##### **Ceará**

Aécio de Borba — PDS; Alfredo Marques — PMDB; Antônio Moraes — PMDB; Carlos Virgílio — PDS; Claudio Philomeno — PDS; Evandro Ayres de Moura — PDS; Flávio Marcílio — PDS; Furtado Leite — PDS; Gomes da Silva — PDS; Haroldo Sanford — PDS; Iranildo Pereira — PMDB; Leorne Belém — PDS; Lúcio Alcântara — PDS; Manoel Gonçalves — PDS; Marcelo Linhares — PDS; Mauro Sampaio — PDS; Moysés Pi-

mentel — PMDB; Orlando Bezerra — PDS; Ossian Arape — PDS; Paulo Lustosa — PDS; Sérgio Philomeno — PDS.

##### **Rio Grande do Norte**

Agenor Maria — PMDB; Antônio Câmara — PMDB; Antônio Florêncio — PDS; Henrique Eduardo Alves — PMDB; Jessé Freire — PDS; João Faustino — PDS; Vingt Rosado — PDS; Wanderley Mariz — PDS.

##### **Paraíba**

Adauto Pereira — PDS; Aluísio Campos — PMDB; Alvaro Gaudêncio — PDS; Antônio Gomes — PDS; Carneiro Arnaud — PMDB; Edme Tavares — PDS; Ernani Satyro — PDS; Joacil Pereira — PDS; João Agripino — PMDB; José Maranhão — PMDB; Raimundo Asfora — PMDB; Tarcísio Buriti — PDS.

##### **Pernambuco**

Antônio Farias — PDS; Arnaldo Maciel — PMDB; Carlos Wilson — PMDB; Cristina Tavares — PMDB; Egídio Ferreira Lima — PMDB; Fernando Lyra — PMDB; Geraldo Melo — PDS; Gonzaga Vasconcelos — PDS; Inocêncio Oliveira — PDS; Jarbas Vasconcellos — PMDB; João Carlos de Carli — PDS; José Carlos Vasconcelos — PMDB; José Jorge — PDS; José Mendonça Bezerra — PDS; José Moura — PDS; Josias Leite — PDS; Mansueto de Lavor — PMDB; Miguel Arraes — PMDB; Nilson Gibson — PDS; Osvaldo Coelho — PDS; Osvaldo Lima Filho — PMDB; Pedro Corrêa — PDS; Ricardo Fiuza — PDS; Roberto Freire — PMDB; Sérgio Murilo — PMDB; Thales Ramalho — PDS.

##### **Alagoas**

Albérico Cordeiro — PDS; Djalma Falcão — PMDB; Fernando Collor — PDS; Geraldo Bulhões — PDS; José Thomaz Nonô — PDS; Manoel Afonso — PMDB; Nelson Costa — PDS; Renan Calheiros — PMDB.

##### **Sergipe**

Adroaldo Campos — PDS; Augusto Franco — PDS; Celso Carvalho — PDS; Francisco Rollemberg — PDS; Gilton Garcia — PDS; José C. Teixeira; Walter Baptista — PMDB.

##### **Bahia**

Afrísio Vieira Lima — PDS; Angelo Magalhães — PDS; Antônio Osório — PDS; Carlos Sant'Ana — PMDB; Djalma Bessa — PDS; Domingos Leonelli — PMDB; Elquisson Soares — PMDB; Eraldo Tinoco — PDS; Etelvir Dantas — PDS; Felix Mendonça — PDS; Fernando Gomes — PMDB; Fernando Magalhães — PDS; Fernando Sant'Ana — PMDB; França Teixeira — PDS; Francisco Benjamim — PDS; Francisco Pinto — PMDB; Genebaldo Correia — PMDB; Gorgônio Neto — PDS; Haroldo Lima — PMDB; Hélio Correia — PDS; Horácio Matos — PDS; Jairo Azi — PDS; João Alves — PDS; Jorge Medauar — PMDB; Jorge Vianna — PMDB; José Lourenço — PDS; José Penedo — PDS; Jutahy Júnior — PDS; Leur Lomanto — PDS; Manoel Novaes — PDS; Marcelo Cordeiro — PMDB; Ney Ferreira — PDS; Prisco Viana — PDS; Raymundo Urbano — PMDB; Raul Ferraz — PMDB; Rômulo Galvão — PDS; Ruy Bacelar — PDS; Virgildásio de Senna — PMDB; Wilson Falcão — PDS.

##### **Espírito Santo**

Hélio Manhães — PMDB; José Carlos Fonseca — PDS; Luiz Baptista — PMDB; Max Mauro — PMDB; Mirthes Bevilacqua — PMDB; Nelson Aguiar — PMDB; Pedro Ceolim — PDS; Stélio Dias — PDS; Theodorico Ferraço — PDS.

##### **Rio de Janeiro**

Abdias do Nascimento — PDT; Agnaldo Timóteo — PDT; Alair Ferreira — PDS; Aloysio Teixeira — PMDB; Amaral Netto — PDS; Árido Teles — PDT; Arólde de Oliveira — PDS; Boçayuva Cunha — PDT; Brandão Monteiro — PDT; Carlos Peçanha — PMDB; Celso Peçanha — PTB; Clemir Ramos — PDT; Darclio Ayres — PDS; Daso Coimbra — PMDB; Délio dos Santos — PDT; Denisar Arneiro — PMDB; Eduardo Galil — PDS; Fernando Carvalho — PTB; Figueiredo Filho — PDS; Francisco Studart — PTB; Gustavo Faria — PMDB; Hamilton Xavier — PDS; Jacques D'Ornellas — PDT; JG de Araújo Jorge — PDT; José Colagrossi; Jorge Cury — PTB; Jorge Leite — PMDB; José Eudes — PT; José Frejat — PDT; Lázaro Carvalho — PDS; Léo Simões — PDS; Leônidas Sampaio — PMDB; Márcio Braga — PMDB; Márcio Macedo — PMDB; Mário Juruna — PDT; Osmar Leitão — PDS; Roberto Jefferson — PTB; Rubem Medina — PDS; Saramago Pinheiro — PDS; Sebastião Ataíde — PDT; Sebastião Nery — PDT; Sérgio Lomba — PDT; Simão Sessim — PDS; Walter Casanova — PDT; Wilmar Palis — PDS.

##### **Minas Gerais**

Aníbal Teixeira — PMDB; Antônio Dias — PDS; Bonifácio de Andrade — PDS; Carlos Eloy — PDS; Carlos Mosconi — PMDB; Cássio Gonçalves — PMDB; Castejon Branco — PDS; Christóvam Chiaradia — PDS; Emílio Gallo — PDS; Gerardo Renault — PDS; Homero Santos — PDS; Humberto Souto — PDS; Israel Pinheiro — PDS; Jairo Magalhães — PDS; João Hercúlio — PMDB; Jorge Carone — PMDB; Jorge Vargas — PMDB; José Carlos Fagundes — PDS; José Machado — PDS; José Maria Magalhães — PMDB; José Mendonça de Moraes — PMDB; José Ulisses — PMDB; Juarez Batista — PMDB; Júnia Marise — PMDB; Leopoldo Besone — PMDB; Luís Dulci — PT; Luiz Baccarini — PMDB; Luiz Guedes — PMDB; Luiz Leal — PMDB; Magalhães Pinto — PDS; Manoel Costa Júnior — PMDB; Marcos Lima — PMDB; Mário Hassad — PDS; Mário de Oliveira — PMDB; Maurício Campos — PDS; Melo Freire — PMDB; Milton Reis — PMDB; Navarro Vieira Filho — PDS; Nylton Velloso — PDS; Oscar Corrêa — PDS; Osvaldo Murta — PMDB; Ozanan Coelho — PDS; Paulino Cicero de Vasconcellos — PDS; Pimenta da Veiga — PMDB; Raul Belém — PMDB; Raul Bernardo — PDS; Ronaldo Canedo — PDS; Rondon Pacheco — PDS; Rosemburgo Romano — PMDB; Sérgio Ferrara — PMDB; Vicente Guabiroba — PDS; Wilson Vaz — PMDB.

##### **São Paulo**

Adail Vettorazzo — PDS; Aírton Sandoval — PMDB; Aírton Soares — PT; Alberto Goldman — PMDB; Alcides Franciscato — PDS; Armando Pinheiro — PDS; Aurélio Peres — PMDB; Bete Mendes — PT; Cardoso Alves — PMDB; Cunha Bueno — PDS; Darcy Passos — PMDB; Del Bosco Amaral — PMDB; Djalma Bom — PT; Diogo Nomura — PDS; Doreto Campanari — PMDB; Eduardo Matarazzo Suplicy — PT; Estevam Galvão — PDS; Farabulini Júnior — PTB; Felipe Cheidde — PMDB; Ferreira Martins — PDS; Flávio Bierrembach — PMDB; Francisco Amaral — PMDB;

Francisco Dias — PMDB; Freitas Nobre — PMDB; Gasthorne Righi — PTB; Glória Júnior — PDS; Herbert Levy — PDS; Irma Passoni — PT; Israel Dias-Novae — PMDB; Ivete Vargas — PTB; João Bastos — PMDB; João Cunha — PMDB; João Herrmann — PMDB; José Camargo — PDS; José Genoino — PT; Maluly Neto — PDS; Marcelo Gato — PMDB; Márcio Santilli — PMDB; Marcondes Pereira — PMDB; Mário Hato — PMDB; Mendes Botelho — PTB; Mendonça Falcão — PTB; Moacir Franco — PTB; Natal Gale — PDS; Nelson do Carmo — PTB; Octacílio de Almeida — PMDB; Paulo Maluf — PDS; Paulo Zarzur — PMDB; Raimundo Leite — PMDB; Renato Cordeiro — PDS; Ricardo Ribeiro — PTB; Roberto Rollemberg — PMDB; Ruy Codo — PMDB; Salles Leite — PDS; Salvador Julianelli — PDS; Samir Achôa — PMDB; Theodoro Mendes — PMDB; Tidei de Lima — PMDB; Ulysses Guimarães — PMDB.

#### Goias

Aldo Arantes — PMDB; Brasília Caiado — PDS; Fernando Cunha — PMDB; Genésio de Barros — PMDB; Ibsem de Castro — PDS; Iram Saraiva — PMDB; Irapuan Costa Júnior — PMDB; Iturival Nascimento — PMDB; Jaime Câmara — PDS; João Divino — PMDB; Joaquim Roriz — PMDB; Juarez Bernardes — PMDB; Paulo Borges — PMDB; Siqueira Campos — PDS; Tobias Alves — PMDB; Wolney Siqueira — PDS.

#### Mato Grosso

Bento Porto — PDS; Cristino Cortes — PDS; Dante de Oliveira — PMDB; Gilson de Barros — PMDB; Jonas Pinheiro — PDS; Maçao Tadano — PDS; Márcio Lacerda — PMDB; Milton Figueiredo — PMDB.

#### Mato Grosso do Sul

Albino Coimbra — PDS; Harry Amorim — PMDB; Levy Dias — PDS; Plínio Martins — PMDB; Ruben Figueiró — PMDB; Saulo Queiroz — PDS; Sérgio Cruz — PMDB; Ubaldo Barê — PDS.

#### Paraná

Alceni Guerra — PDS; Alencar Furtado — PMDB; Amadeu Geara — PMDB; Anselmo Peraro — PMDB; Antônio Mazurek — PDS; Aroldo Moletta — PMDB; Ary Kffuri — PDS; Borges da Silveira — PMDB; Celso Sabóia — PMDB; Dilson Fanchin — PMDB; Euclides Scalco — PMDB; Fabiano Braga Cortes — PDS; Hélio Duque — PMDB; Ítalo Conti — PDS; José Carlos Martinez — PDS; José Tavares — PMDB; Luiz Antônio Fayet — PDS; Matos Leão — PMDB; Norton Macedo — PDS; Olivir Gabardo — PMDB; Oscar Alves — PDS; Otávio Cesário — PDS; Paulo Marques — PMDB; Pedro Sampaio — PMDB; Reinhold Stephanes — PDS; Renato Bernardi — PMDB; Renato Bueno — PMDB; Renato Johnsson — PDS; Santinho Furtado — PMDB; Santos Filho — PDS; Sebastião Rodrigues Júnior — PMDB; Valmor Giavarina — PMDB; Walber Guimarães — PMDB.

#### Santa Catarina

Adhemar Ghisi — PDS; Cacildo Maldaner — PMDB; Dirceu Carneiro — PMDB; Epitácio Bittencourt — PDS; Evaldo Amaral — PDS; Fernando Bastos — PDS; Ivo Vanderlinde — PMDB; João Paganella — PDS; Luiz Henrique — PMDB; Nelson Morro — PDS; Nelson Wedekin — PMDB; Odilon Salmoria — PMDB; Paulo Melro — PDS; Pedro Colin — PDS; Renato Viana — PMDB; Walmor de Luca — PMDB.

#### Rio Grande do Sul

Aldo Pinto — PDT; Amaury Müller — PDT; Augusto Trein — PDS; Balthazar de Bem e Canto — PDS; Darcy Pozza — PDS; Emídio Perondi — PDS; Floriceno Paixão — PDT; Guido Moesch — PDS; Hermes Zaneti — PMDB; Hugo Mardini — PDS; Ibsen Pinheiro — PMDB; Irajá Rodrigues — PMDB; Irineu Colato — PDS; João Gilberto — PMDB; José Fogaça — PMDB; Júlio Costamilan — PMDB; Lélis Souza — PMDB; Matheus Schimidt — PDT; Nadir Rosseti — PDT; Nelson Marchezan — PDS; Nilton Alves — PDT; Oly Façchin — PDS; Osvaldo Nascimento — PDT; Paulo Mincarone — PMDB; Pedro Germano — PDS; Pratini de Moraes — PDS; Rosa Flores — PMDB; Rubens Ardenghi — PDS; Siegfried Heuser — PMDB; Sinval Guazzelli — PMDB; Victor Faccioni — PDS.

#### Amapá

Antônio Pontes — PDS; Clark Platon — PDS; Geovani Borges — PDS; Paulo Guerra — PDS.

#### Roraima

Alcides Lima — PDS; João Batista Fagundes — PDS; Mozarildo Cavalcanti — PDS.

*Compõem a Mesa, à direita do Sr. Presidente Nilo Coelho, o Senhor Deputado Flávio Marcílio, Presidente da Câmara dos Deputados e o Sr. Senador Raimundo Parente, à esquerda, o Sr. Senador Lenoir Vargas.*

**O SR. PRESIDENTE** (Nilo Coelho) — Declaro aberta a sessão.

Honra-nos com a sua presença o Sr. Ministro Cordeiro Guerra, Presidente do Supremo Tribunal Federal, a quem convido a compor a Mesa.

*Toma assento à Mesa, à esquerda do Sr. Presidente Nilo Coelho, o Sr. Ministro Cordeiro Guerra.*

**O SR. PRESIDENTE** (Nilo Coelho) — A Presente sessão, atentando a requerimento do nobre Senador Nelson Carneiro, destina-se a homenagear, solenemente, a memória de Simón Bolívar, pelo transcurso do segundo centenário de seu nascimento.

Concedo a palavra ao nobre Senador Nelson Carneiro.

**O SR. NELSON CARNEIRO** (PTB — RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente Nilo Coelho, Sr. Presidente Flávio Marcílio, Sr. Presidente Cordeiro Guerra, do Supremo Tribunal Federal, Sr. Ministro Raimundo Saraiva Guerreiro, Sr. Representante da Santa Sé, Srs. Embaixadores dos países bolivianos, Srs. Senadores, Srs. Deputados, meus senhores e minhas senhoras, homens há, e raros, que não se finam na transitoriedade da vida terrena. São marcos espalhados no chão da História, para indicar aos que vierem depois o caminho a palmilhar. Resistem aos séculos, cidadãos que se fizeram como nascidos por todos os tempos afora. Quem foi, na palavra de José Veríssimo, “um esforço de paladino, ou um exemplo, um estímulo, um mestre” estará sempre vivo na admiração e no culto dos que, como Simón Bolívar, desfraldaram bandeiras libertárias numa região açotada pelo arbítrio dos colonizadores e pressionada por interesses estranhos e às vezes conflitantes. A América, que ele afirmou ser sua pátria, acolhe em sua mão a de outros continentes, para homenagear aquele peregrino da liberdade, que conceceu, nos quarenta e sete anos de vida, como nenhum outro na América Latina, vitórias e revezes, consagrações e desencantos. Havia que enfrentar e vencer “o maior império então conhecido pelo mundo ocidental” — na descrição de Peter Nienhemkis.

“Estendia-se no mapa desde a Califórnia, Novo México e Texas até à Flórida. Incluía o México e a América Central. Alcançava a extremidade da América do Sul, onde as águas do Atlântico encontram as do Pacífico. Incluía as ilhas Filipinas. No seu total, este império cobria mais de quinze milhões de quilômetros quadrados. Era, na realidade, um império sobre o qual o sol estava sempre presente”. Bolívar aceitou o desafio. E venceu.

Quando há dois meses, em Bruxelas, tocou à presidência do Parlamento Latino-americano declarar abertos os trabalhos do ato solene da IV Conferência Conjunta, destinado a inaugurar, na sala de sessões do Parlamento Europeu, o busto do Libertador, afirmou:

“Aquele destemido construtor de nações livres gravou na memória de seus contemporâneos e eternizou na gratidão dos pósteros essas palavras que continuam cantando em nossos ouvidos como sons perenes de velhos sinos que acompanham as sucessivas gerações; “O homem de honra não tem pátria além daquela em que se protegem os direitos dos cidadãos e se respeita o caráter sagrado da humanidade; a nossa é a mãe de todos os homens livres e justos, sem distinção.”

E no deslumbramento inesquecível das extraordinárias comemorações populares do bicentenário de seu nascimento, em que também se somaram, na amável capital venezuelana, altas expressões da hispanidade, Salcedo-Bastardo, iluminando com os fulgores coloridos de sua palavra a apoteose final, assinalava que Simon Bolívar pertence à augusta e seleta hierarquia dos que não feito, para fixar em seguida os quatro trechos simétricos que duas centúrias propiciaram à sua exata compreensão.

“O primeiro se satura de seu viver terreno. Numa época de profundas mudanças. Formação, definição e luta extenuante. O homem verdadeiro registrou, no caleidoscópio de suas diversas vivências, a fulgurante vertigem de sua pureza. Em pêndulo e zigue-zague, de um extremo a outro, viveu luzes e sombras, fantasias, golpes, alucinações, despertares: chamou-se diamante, indigente, talismã, solitário capitão impotente, criador de repúblicas, homem das vicissitudes, esperto caraíba, arquiteto de castelos no ar, frágil palha, homem diáfano, simples impertinente, Cristo, Quixote, Sísifo, Nero, Lacoonte gênio da tempestade, para definitivamente conformar-se com o título inconfundível e magno de bom cidadão.”

É esse Simon Bolívar, tumultuário e aparentemente contraditório, que agora nos reúne em exaltação de sua memória, a cada dia mais atual, como se o tivéssemos a nosso lado, padecendo e sonhando conosco, cidadão imortal da latinidade americana, diante da cruel encruzilhada que os erros de tantos e as ambições de muitos abriram diante de nossos olhos indagadores e perplexos.

Aquele intrépido semeador de realidades, guerreiro e político, bem sabia que “não basta que nossos exércitos, sejam vitoriosos; não basta que os inimigos desapareçam de nosso território nem que o mundo inteiro reconheça nossa Independência; necessitamos, mais ainda, ser livres sob os auspícios de leis liberais, emanadas da fonte mais sagrada que é a vontade do povo”, E, em carta ao Presidente do Haiti, perpetuava seu pensamento: “A única fonte legítima de todo o poder humano é a livre escolha dos cidadãos”,

Na memorável conferência que o Embaixador João Hermes Pereira de Araújo pronunciou ao ensejo do sesquicentenário do falecimento de Bolívar, acertou de destacar essas advertências, que integram a convocatória para o Congresso do Panamá, em 1824:

“Façam que o amor ligue com um laço universal os filhos do hemisfério de Colombo, e que o ódio, a

vingança e a guerra se afastem de nosso seio". E mais adiante: "A imaginação não pode conceber, sem pasmo, a magnitude de um colosso que, semelhante ao Júpiter de Homero, fará tremer a terra num simples olhar. Assim quem resistirá à América reunida em coração, sujeita à sua lei e guiada pela tocha da liberdade?"

A fartura e a necessidade dividiram o continente. Deus permita que não irremediavelmente. Em carta ao Presidente dos Estados Unidos, advertia este ano o Presidente João Figueiredo, falando por toda a América Latina:

"Quando um país em desenvolvimento se vê atingido pelo movimento de pinças de uma duplicação em dois anos do montante de juros sobre o serviço de sua dívida e, de outra parte, uma perda de 30% no poder de compra de suas exportações — e quando verifica que fatos semelhantes se dão com numerosos outros países em desenvolvimento — não há como silenciar quanto à urgência da tarefa de retomada de um diálogo objetivo, entre Norte e Sul, para o bem de ambos."

Certamente esse componente de desigualdade já atormentava Simón Bolívar, ao afirmar: "A América inteira é um tumulto, mais ou menos extenso". Hoje, a guerra não declarada, as guerrilhas em ação, as ideologias em choque, a ganância, as barreiras protecionistas, o analfabetismo, as doenças, a miséria, as multidões de desaparecidos, os governos despóticos e as ditaduras arrogantes dão ao tumulto da visão bolivariana dimensões apocalípticas. Os cinco milhões de quilômetros quadrados do cenário físico de sua atividade multiplicaram-se em angústia, em fome, em desesperança. Somente os cegos enxergam próximo oásis de prosperidade em economias falidas, em povos espoliados, em nações pedintes, em desperadas súplicas de paz e justiça social. Agora, como no pretérito, a liberdade continua sendo "o único objetivo digno do sacrifício da vida dos homens". Mas que liberdade é esta que cerceia passos, espalha o pânico, atravanca progresso, debilita fracos e enrijece fortes, e reúne as migalhas dos necessitados para engordar lá fora, com interesses sempre maiores, a fortuna dos que lhes regateiam ajuda na hora difícil, como se um crescente tufão, soprado por todas as bocas dos arautos de uma nova ordem, boa ou má pouco importa, não ameaçasse invadir suas fronteiras e não pusesse em risco a civilização ocidental?

A liberdade política é sonho já vivido. Sonho generoso, que as nações da América Latina converteram em realidade com o idealismo de seus pregoeiros e o sangue de seus heróis. Mais de um século passado, há que unir pensamentos e decisões pela emancipação econômica, sem a qual a liberdade política vale apenas como um rótulo vistoso, a disfarçar o remédio amargo da convivência e da submissão.

Na importante contribuição que o Deputado equatiano Marco Proaño Maya, Vice-Presidente do Parlamento Latino-americano, trouxe ao estudo da trajetória bolivariana, há, recolhidas de Eduardo Galeano, dolorosas observações:

"Nossa comarca do mundo que hoje chamamos América se especializou em perder desde sempre... Desde o descobrimento até nossos dias tudo se há transformado em capital europeu ou, mais tarde, norte-americano, e como tal se há acumulado e se acumula nos distantes centros do poder. Do mesmo modo, simetricamente, o bem-estar de nossas classes dominantes — dominantes aqui dentro, dominados de fora — é a maldição de nossas multidões condenadas a uma vida de bestas de carga". E ainda: "O intercâmbio desigual funciona como sempre. Os salários de fome continuam a financiar os altos salários dos Estados Unidos e da Europa."

Daí, talvez, a oportunidade da indagação do consagrado mestre venezuelano, se Bolívar, "seria pessimista ao vislumbrar que o quadro total da América se apresentava espantoso mais para o futuro do que para o presente". O futuro é agora, século e meio depois da triste profecia. O tempo caprichoso e ingrato encarregou-se de criar diversos senhores e suscitar distintas ambições, numa crescente disputa que, declarada ou subrepticiamente, angustia e intranquiliza a América Latina, em cuja liberdade de ação via Simón Bolívar "o equilíbrio do universo". Hoje, mais do que nunca, quando grandes potências esboçam a partilha de sacrificada parcela latino-americana, oportuno recordar aquele bravo governante de trinta anos, que, ao instruir os plenipotenciários em viagem para pleitear o reconhecimento da Inglaterra à nova república venezuelana, lhes recomendava — como recentemente acentuou Tomas Polanco Alcântara — "uma ativa e serena dignidade, que não permite outra conduta senão, "marchar sempre sobre um pé de igualdade", que não deixa de ser uma pretensão admirável em quem apenas dispunha de brevíssimo poder e que trataria com um país que, segundo as próprias palavras do Libertador, ia chegar, "ao último ponto de grandeza" e de poder, a que nenhum povo do mundo havia ousado aspirar".

Meus senhores, minhas senhoras.

No majestoso monumento que a gratidão latino-americana, por inspiração do glorioso povo da Venezuela, ergueu ao Libertador, o primeiro nome dos generais estrangeiros que o acompanharam nas asperas e incompreensões da jornada é o de um brasileiro, José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, o general das massas, que "he às massas para quem apello, porque eu sou parte delas". Em primoroso estudo de Vamireh Chacon, outros quatro são incorporados definitivamente às lutas de Bolívar. O irmão do general, "Luís Inácio Ribeiro Roma, assim chamado em honra ao cognome do pai, ex-sacerdote católico e mártir", Emiliano Felipe Munduncru, "um certo Francisco Antônio Barreto de permeio em 1822", e aquele extraordinário José de Natividade Saldanha, doutor de Coimbra, secretário da Junta Revolucionária da Confederação do Equador, primeiro a publicar, em castelhano, um livro sobre o divórcio, mulato e filho de padre, poeta e soldado, e que V. Ex<sup>a</sup>, Sr. Presidente Nilo Coelho, teve a sensibilidade de eternizar, em apaixonante biografia recentemente divulgada.

Montesquieu ensinava que "não é a nova geração que se degenera; essa só se perde quando os homens maduros estão corrompidos". Não basta exaltar Bolívar e a seus companheiros de ideal. Indispensável será honrá-los com nossa gratidão e principalmente com nosso exemplo.

Apuremos os ouvidos. É o Libertador quem fala ao Chanceler Pedro Gual em 1821, em dia semelhante a todos os que vieram depois: "Estamos sobre um abismo, ou melhor, sobre um vulcão pronto a explodir". As primeiras lavas escorrem na atribulada América Central, mas o calor da erupção já invade os mais distantes rincões do Cone Sul.

Ao referir-se à imensa maioria desamparada e silenciosa da América Latina invisível, vaticinava Arciniegas: "No dia em que essas pessoas conseguirem fazer-se ouvir, haverá uma fogueira consumidora, ou, então, um halo de luz".

Senhor Deus dos impossíveis, que destes a Simón Bolívar as armas da vitória, abri as portas invisíveis de teu mundo, e esparzi sobre as populações sacrificadas da América Latina um punhado de esperança e a luminosidade da fé! (Palmas prolongadas.)

**O SR. PRESIDENTE (Nilo Coelho)** — Concedo a palavra ao nobre Deputado Flávio Bierrenbach, que falará pelo PMDB.

**O SR. FLÁVIO BIERRENBACH (PMDB — SP.** Pronuncia o seguinte discurso.) — Exm<sup>o</sup>. Sr. Presidente do Congresso Nacional, Exm<sup>o</sup>. Sr. Presidente da Câmara

dos Deputados, Exm<sup>o</sup>. Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Exm<sup>o</sup>. Sr. Ministro de Estado das Relações Exteriores, Exm<sup>os</sup> Srs. representantes diplomáticos de Santa Sé, da Colômbia, do Equador, do Peru, da Venezuela e da Bolívia, Exm<sup>o</sup>. Sr. Encarregado dos Negócios do Panamá, Exm<sup>o</sup>. Sr. Representante do Ministro de Estado e Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Exm<sup>o</sup>. Professor Vamireh Chacon, do Departamento de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, Sras. e Srs., Sr. Presidente e Srs. Congressistas, quis a vontade de meu partido que eu fosse agraciado com a honra de representar o pensamento da bancada do PMDB nesta sessão solene destinada a comemorar no Congresso Nacional o Bicentenário do nascimento do Libertador Simón Bolívar.

É claro que esta distinção não se deve a qualquer mérito ou circunstância pessoal, mas, exclusivamente, pelo fato de ter eu estado em Caracas, convidado pelo Governo da República da Venezuela, por intermédio de seu ilustre Embaixador no Brasil, o Dr. Ildegar Perez Seregni, para participar do Congresso sobre o pensamento político latino-americano, organizado pela Comissão Bicameral do Congresso Venezuelano para comemorar os dois séculos de nascimento do Libertador.

Marcou-se, assim, pela iniciativa dos representantes do povo da Venezuela, entre os dias 26 de junho e 2 de julho deste ano, naquele extraordinário evento, com a presença dos mais destacados cientistas políticos, professores universitários, historiadores, militantes políticos, o reconhecimento da América Latina à fantástica obra política e intelectual de seu filho mais amado.

O Brasil teve um processo de independência distinto do que ocorreu nas demais nações latino-americanas. Assim, o pensamento político de Simón Bolívar e seu ideário de libertação não tiveram grande influência na luta que culminou, em 7 de setembro de 1822, com a independência de Portugal. Não obstante o fato de alguns brasileiros terem acompanhado o Libertador em sua trajetória, dentre os quais o pernambucano José Inácio de Abreu e Lima, único brasileiro que chegou ao posto de General de Bolívar, tendo participado de todas as suas campanhas, combatendo nas batalhas de Carabobo, que deu a independência à Venezuela, de Boyacá, da qual resultou a independência da Colômbia, de Portete de Tarqui, no Equador, e até Ayacucho, a última batalha bolivariana no Peru. As idéias do Libertador e a inspiração de seu testemunho de vida, entretanto, serviram como modelo para aqueles que, uma geração mais tarde, empenharam-se na luta pela proclamação da República.

Entretanto, o grande sonho de Bolívar, de consolidação de independência da América espanhola, também repercutiu ao lado Atlântico do Continente. O próprio José Bonifácio de Andrada e Silva, o Patriarca da Independência, reconhecendo expressamente a influência de Bolívar em seu pensamento, ainda atual, afirmou:

"O sentido comum, da política, a razão em que ela se fundamenta e a crítica situação da América nos estão dizendo e ensinando, a quantos temos ouvido para ouvir e olhos para ver, que uma liga ofensiva e defensiva de todos os Estados que ocupam este vastíssimo Continente é necessário para que todos e cada um deles possam conservar intactas a liberdade e a independência, altamente ameaçadas pelas indignantes cobiças da Europa."

Não é estranho, pois, que aqui no Congresso Nacional tenham repercutido com luminosa intensidade os ideais de unidade política representados pela convocatória do Libertador ao Congresso do Panamá, reunido em junho e julho de 1826 e cujas atas originais só o Brasil conserva. Nenhum outro latino-americano foi mais discutido e festejado nesta Câmara dos Deputados do que Simón Bolívar, durante o século XIX. Impõe-se, hoje, que o façamos novamente em benefício de nossos contemporâneos.



José Antonio de la Santísima Trinidad-Simón Bolívar e Palácios nasceu em Caracas, na Venezuela, em 24 de julho de 1783. Era o quarto filho de família de alta estirpe e sangue basco e teve a desventura de perder os pais ainda durante a infância. Foi decisiva na sua vida a influência de um mestre, Simón Rodríguez, discípulo de Jean Jacques Rousseau, jovem e excêntrico, considerado perigoso subversivo e mascarado pela autoridade colonial uma jaula de pedra para curar-se de suas ilusões.

Aos 16 anos de idade Bolívar foi enviado à Europa. Chega a Madrid, a capital do Reino, trajando o uniforme de oficial do Exército do Rei. Percorre toda a Europa. Educa-se. Cruza com soberanos e convive com intelectuais. Reúne-se, outra vez, a Simón Rodríguez, seu mestre, e atravessam juntos os Alpes, como os antigos peregrinos: a pé e de cajado na mão. De regresso à Pátria, envolve-se na conspiração pela independência, mas, antes, é preciso lutar contra Napoleão e seus prepostos.

Vive sua primeira experiência de comando militar, com a patente de Tenente-Coronel, aos 29 anos de idade. É traído e derrotado. Um dia haverá de voltar. Desembarca em Cartagena de índias, o fantástico porto colonial do Caribe, onde há governo independente. O Alcaide põe 400 homens sob seu comando. Em apenas duas semanas atravessa o rio Magdalena, cruza a cordilheira, ocupa Maracaibo. Em 6 de agosto de 1813 entra vencedor em Caracas. Conhece a glória e o poder, aos 40 anos de idade. Depois, vem nova derrota, a prisão, a humilhação, o exílio. Desembarca no Haiti e, já no dia seguinte, encontra-se com Pétion, a quem arrebatou pela eloquência para a causa da independência. O presidente haitiano confia-lhe homens, barcos e recursos, mas impõe uma condição: quer a libertação dos escravos negros. Bolívar não vacilou em aceitar e mais tarde cumpriria o trato.

Há tanto a falar de Bolívar, sobretudo nesta fase final do século XX em que, mediante o alargamento das fronteiras econômicas constata-se que a independência, para toda a América Latina, ainda está por ser feita. Simón Bolívar não precisou mais do que 47 anos de vida para transformar em ação a mais férrea vontade que este Continente jamais conheceu. Foi como um vulcão, um meteoro, um fecho de luz. Foi o maior "condottiere" do Século XIX, dos poucos e raros seres humanos da história que lograram conjugar pensamento e ação, pela causa da liberdade com alcance internacional. Foi militar e político, estrategista e combatente, pensador e libertário.

"Yo deseo más que otro alguno ver formar en la América la más grande nación del mundo, menos por su extensión y riqueza que por su libertad y gloria."

Bolívar apontou o caminho. A Carta de Jamaica recolle o ideário básico do Libertador: a independência da América Latina. Ofereceu como alternativa a busca da liberdade, através da destruição dos liames entre colônia e metrópole.

Empenhou sua vida nessa cruzada. Arriscou tudo pela causa da independência. Sua influência transcende a extensão geográfica atingida por sua ação: Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Ao Congresso do Panamá, convocado por sua iniciativa, a que deviam concorrer os países já então livres e independentes da América espanhola, acorreu também o Brasil, com o intuito, ainda hoje almejado, da unidade e solidariedade continental. Propósito essencial do Congresso, frustrado em grande medida pela oposição dos Estados Unidos da América, era lograr a independência de Cuba e de Puerto Rico, a fim de garantir permanentemente a independência da América Latina. Razão tinha, pois, o Libertador, quando disse:

"Los Estados Unidos parecen haber sido puestos por el destino en nuestro Continente para causar da-

não a América en nombre de la libertad y de la democracia."

A independência política de Puerto Rico é, ainda hoje, um mandato de Bolívar. A independência econômica da América Latina é, também hoje, uma tarefa de libertação legada por seu testamento.

Mas o espírito de Bolívar vive. Seu exemplo inspira todos os patriotas que ainda lutam pela real independência desta ensangüentada América Latina, que não se conforma com o arbítrio dos poderosos nem com a miséria dos oprimidos e que não aceita a desigual distribuição dos frutos do trabalho entre homens e entre nações. Bolívar, entre nós, estaria hoje lutando na Nicarágua, ao lado dos sandinistas. Teria estado na Sierra Maestra e no cárcere do infeliz Cone Sul, marcado pela tragédia. Seria, uma vez mais, um espírito libertário.

Com a inspiração do Libertador Simón Bolívar, neste ano do bicentenário de seu nascimento, saúdo, em nome de meu partido, todas as almas livres da América Latina, que sonham, que lutam e que hão de vencer. (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Nilo Coelho) — Com a palavra o nobre Senador Jorge Kalume.

**O SR. JORGE KALUME** (PDS — AC. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Senado Federal, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Sr. Ministro Presidente do Supremo Tribunal Federal, Sr. Nuncio Apostólico, Srs. Embaixadores, Srs. Ministros de Estado, Srs. Senadores, Srs. Deputados, minhas Senhoras, meus Senhores, o Congresso Nacional, sempre solidário com as nações do globo terrestre que compõem o contexto das nossas amizades, dentre as quais se encontram as da América Latina, decidiu homenagear Bolívar, a gigantesca figura deste hemisfério, cujo nome está entre os dos grandes patriotas do mundo!

Recebemos a honrosa incumbência do Líder da Maioria, o ilustre Senador Aloísio Chaves, natural do Estado do Pará, banhado pelo Amazonas, caudatário de rios pertencentes à faixa bolivariana, em consonância com a Presidência da Casa, hoje sob a atuação do eminente Senador Nilo Coelho, nascido em Pernambuco, berço do sul-americano General José Inácio de Abreu e Lima, também, como Bolívar, um, "propugnador esforçado da liberdade de consciência".

Coincidentemente, este orador é oriundo do Acre, lindeiro de dois países também bolivarianos, a Bolívia e o Peru. Vale dizer, bendita coincidência neste bicentenário, pois até o destino quis demonstrar o seu capricho fraternal, comq. "hermanos" que somos, com os votos de que os fados sempre nos conduzam compreensivos, tolerantes, unidos, como desejou o Libertador, isto é, "El Nuevo Mundo debe estar constituido por naciones libres e independientes unidas entre si por un cuerpo de leyes comunes que regulen sus relaciones exteriores".

Para sermos mais fiéis à História que teve em Bolívar o seu paradigma, precisaríamos mergulhar no seu início, indo aos primórdios, remontar aos Tratados a partir do século XIV, sob os mais diversos pontificados, com as suas sucessivas bulas, especialmente a contar de 1452. Desnecessário buscarmos a origem ou o topo da montanha histórica, se todos os fatos tinham suas razões de ser, resultantes de um mundo ainda limitado, que se formava e fermentava entre interesses e ambições em busca de novas terras, trazendo na sua voragem o colonialismo e suas conseqüências, embora posteriormente superadas, porém com ingentes sacrifícios, quando o nosso objetivo é relembra e exaltar a figura ímpar de um libertador, honra e glória sul-americanas. Como nos ensina Osvaldo Orico, "A História não é apenas um relato: é uma polêmica". Se um dia a América Latina tiver o seu Homero, Bolívar terá suas façanhas retratadas como se fora um Aquiles. De fato, um nome como o seu não se faz por mera casualidade. Bolívar, ao nascer, já trazia o signo de

sua grandeza, pois até o seu nome longo antecipava o que seria para o continente americano — José Antonio de la Santísima Trinidad Simón Bolívar e Palácios. Órfão quando ainda criança, fora criado por Hipólita, mulher humilde e de cor, à qual se afeiçoara por considerá-la sua mãe.

No mundo são raros os homens, se considerados os mais complexos e intrincados problemas, devotados à causa ansiada por uma coletividade, porque a muitos falta a sensibilidade, o desprendimento pessoal e a coragem de enfrentar os óbices que se lhes antepõem. E no caso presente me vem à lembrança Camões, quando escrevera que, "a disciplina militar prestante não se aprende, Senhor, na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando".

Eis aí Simón Bolívar, o soldado disciplinado que mantinha no pensamento o amor ao seu continente e aos povos colonizados da época, vivendo o seu dia-a-dia, assimilando seus sofrimentos e participando ativamente das suas agruras e comandando todos os movimentos irredentistas.

Sua marcante personalidade fez com que um de seus aficionados, num brado de justiça, proclamasse: "Retirai Bolívar, e as repúblicas se despedaçarão". E com mais ênfase adiantou que "Bolívar significa para o peru o homem único, caudilho formidável, o supressor de ambições, o ordenador, o criador".

"A arte de vencer aprende-se nas derrotas" costumava dizer, porém vencer era o verbo que conjugava permanentemente. Basta lembrar uma frase que bem define o seu comportamento e a sua determinação: "Si se opone la naturaleza lucharemos contra ella y la haremos que nos obedezca."

E quando parecia impotente pela doença cruel, indaga-lhe o seu amigo Joaquim Morquera: "Que vais fazer agora?" E a resposta foi imediata: "vencer".

Repetimos nesta oportunidade nossas palavras da tribuna do Senado, dia 2 de agosto:

Vale a pena recordar pequena frase do seu discurso de Angostura, porque poderia servir de base para os dias que atravessamos e de exemplo a ser seguido. Disse o incomparável Libertador:

"Senti-me com audácia para criar um poder moral, tirado do fundo da obscura antiguidade e daquelas esquecidas leis que sustentaram algum tempo a virtude entre os gregos e romanos."

O destino o preparou para a grande e árdua tarefa de libertar os povos, dando-lhe estoicismo, bravura, desprendimento, espírito público e político. Certa vez, na Colômbia, deu o exemplo do seu caráter ao afirmar, depois de vencer um momento difícil: "A obrigação de ser mais piedosos que valentes, pois que heróicos já o eram em alto grau", e acrescentava: "mesmo que os inimigos violem o tratado, nós devemos cumpri-lo, para que a glória da Colômbia não se manche de sangue".

Seu acendrado patriotismo levou-o certa vez a proclamar que:

"Me es tan natural preferir la salud de la República a todo que cuanto mas dolor sufro por ella tanto mas placer interior recibe mi alma."

E nestes dias tristes e tumultuados para as nossas Américas, quando irmãos se entredoveram, temos certeza de que os ensinamentos de Bolívar poderiam servir para atenuar a luta fratricida em marcha, como muito bem lembra Austregésilo de Atayde:

"Convocando o Congresso Pan-Americano do Panamá, em 1826, Bolívar pode ser considerado um dos criadores do ideal da convivência pan-americana. O guerreiro demonstrou as suas altas qualidades de estadista na previsão de que só pela harmonia, pela livre cooperação, pelo entendimento

político no culto da liberdade, os povos deste Novo Mundo poderiam erigir a paz e a mútua compreensão em objetivos superiores do seu destino. Mais de século e meio passados, subsistem vivas, na consciência das nações deste Continente, as grandes lições de solidariedade continental, no magistério político sabiamente desempenhado por Bolívar em nosso Hemistério."

E o pensamento do Vice-Presidente Aureliano Chaves, quando no exercício da Presidência da República, não foi diferente, ao saudar os seus colegas bolivarianos, através do Presidente Herrera Campíns, anfitrião da homenagem em Caracas:

"Não há ideal americanista, hoje, cuja vertente primeira não sejam as instituições, a antevisão do futuro e a defesa intransigente da liberdade, presentes no pensamento e na ação de Simón Bolívar."

E o Presidente Figueiredo, reafirmando as normas de conduta de seu Governo no âmbito internacional, quando ocupou a tribuna da ONU, em 1982, afirmou:

"O Brasil vive em paz com seus vizinhos imediatos, com a América Latina e com todas as nações que respeitam as bases da convivência internacional."

As relações entre o Brasil e os países amigos da América Latina constituem, na verdade, claro testemunho do êxito que se obtém quando se opta francamente pelo caminho do respeito mútuo, da não-interferência e da busca da convivência harmônica e profícua, acima de controvérsias ou divergências tópicas.

Como parte da América Latina, o Brasil está certo de que seus vizinhos saberão resolver suas divergências, mesmo as de natureza territorial, por meios pacíficos e conciliatórios, e espera que os países-irmãos da América Latina reforcem sua capacidade de diálogo e entendimento regional. Devemos todos trabalhar para que nossa região alcance níveis superiores de desenvolvimento, entrosamento e desempenho positivo na cena mundial."

Contagiando os povos amantes da liberdade que têm em Bolívar a figura tutelar de um obstinado patriota, caráter inatacável, personalidade de verdadeiro "condottiere", onde quer que estejamos há uma lembrança de sua legendária figura.

Desejamos pôr em destaque, nesta oportunidade, as qualidades de escritor e homem de pensamento. Suas 300 cartas sobre História, sociologia e Direito confirmam esse conceito; podemos ainda ressaltar o manifesto de Cartagena de 1812, a Carta de Jamaica de 1815, a Mensagem ao Congresso de Augustura de 1819, a Constituição da Bolívia de 1815 e o texto intitulado "Mi delirio sobre el Chimborazo".

Referindo-se à sua atividade cultural, afirmou: Eu multiplico as idéias em muito poucas palavras".

Toda essa gama de textos e escritos coloca-o entre os pensadores que contribuíram para a Liberdade nas Américas: José Bonifácio, Benjamim Franklin e outros.

Desde os primeiros momentos de sua vida, sua presença passou a ser motivo de cogitação, pois já se pressagiava um futuro sublime, porém atormentado. Haja vista que seu pai desejava que seu nome fosse Santiago, contudo o padre, contrariando a vontade paterna, batizou-o com o nome de Simão, alegando: "Tenho o pressentimento de que esse menino será algum dia o Simão Macabeu do Novo Mundo".

Não falhou. As palavras verdadeiramente proféticas do padre dentro de poucos anos se materializaram! Tinha todas as condições para se tornar o libertador de sua pátria. Suas condições de seriedade, sua agilidade, sua efervecência, sua coragem, sua natural simpatia, atraente pelos seus olhos negros e seu sorriso franco.

Estudioso e culto, dedicou-se à pátria. Sentia as necessidades de seus coestaduanos, que estavam à espera de um chefe para o grito de independência. Soube preparar-se. Esteve na Europa, onde visitou alguns países, detendo-se, todavia, na França, colhendo em Paris maiores lições para sedimentar-se a realizar o seu desejo e do povo colonizado. Nos salões parisienses encantava com a sua natural simpatia e angariou a amizade de Talleyrand, do General Duroc, do Marechal Oudinot, inclusive de Beauharnais, enteado de Napoleão, do ator Talma, de Madame de Récaulier e Madame de Stael, bem como de Alexandre Von Humboldt, o naturalista alemão que esteve na Amazônia e na América do Sul. Certa vez Bolívar perguntou-lhe se a América do Sul estava em condições de tornar-se independente. E a resposta foi positiva, isto é, "Sim. Creio que está. Apenas necessita de um grande Chefe". "Humboldt parecia insinuar o jovem a tomar a iniciativa.

E Bolívar, que já alimentava esse anseio, se sentiu mais lisonjeado e com sua idéia fixa mais robustecida! E não lhe faltaram amigos que viam nele o depositário para a grande jornada, como Rodriguez, seu conselheiro, oferecendo-lhe leituras para aformosear e consolidar a sua cultura ainda nascente. Passou a ler obras que lhe serviram para a arrancada cívica, como as de Platão, Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Helvetius, Hobbes, Hume, Spinoza.

Preparado intelectual e fisicamente, empreendeu a sua áspera caminhada, triunfando. E como lembra Osvaldo Orico, "os batismos acompanharam o cortejo da sua vida e nenhum é bastante para defini-lo, nenhum é suficiente para contê-lo: Protetor, Libertador, Rei dos Andes, Pai da América, Cavaleiro Andante da Liberdade".

Srs. Embaixadores dos Países Bolivarianos, com especial honra dirigimo-nos a V. Ex<sup>as</sup>, para deixar bem patenteada a nossa homenagem.

Sr. Embaixador da Bolívia, Gustavo Fernandes Saavedra, recordamos com alegria os nomes dos heróis, como Sucre e Santa Cruz, e parte de seu belo hino que fala à alma de seus patrícios:

"Bolivianos, el hado propicio  
coronó nuestros votos y anhelos,  
és uá libre, yá libre, este suelo,  
yá cessó su servil condición."

Sr. Embaixador da Colômbia, Jerman Rodriguez Fornneja, registramos os nomes dos patriotas Galán, Santander e Nariño, acompanhado do seu símbolo, que eterniza o sacrifício do seu heróico povo:

"Oh gloria inmarcesible!  
Oh júbilo inmortal!  
En surcos de dolores  
El bien germina yá."

Sr. Embaixador do Equador, Gustavo Ruales Viel, gostaríamos de nominar Espejo, Flores Almedo e Roca-fuerte, que a seus pósteros legaram lição de civismo como seu próprio hino:

"Salve, oh Pátria, mil veces! Oh Pátria,  
glória a ti! Ya tu pecho rebosa  
Gozo y paz, y tu frente radiosa  
Más que el sol contemplamos lucir."

Sr<sup>a</sup> Representante da Embaixada do Panamá, Terceiro Secretário Emilia Araceles Quintero Sampero, relembremos seus antepassados de luta, como o General Thomas Herrera e Dr. Belisario Porras, que cantaram com alma:

"Alcanzamos por fin la victoria,  
En el campo feliz de la unión,  
Con ardientes fulgores de gloria,  
Se ilumina la nueva nación."

Sr. Embaixador do Peru, Alejandro Deustua, dos seus inúmeros heróis, gostaremos de mencionar José de San Martín, que se sacrificou pela perenidade de sua pátria, tão bem refletida no seu hino nacional:

"Somos libres, seámoslo siempre,  
Y antes niegue sus luces el sol  
Que faltemos al voto solemne  
Que la Pátria al Eterno elevó."

E por último, referimo-nos ao Sr. Embaixador Ildegar Pérez — Fegnini, da Venezuela, pátria do varão, o herói dos heróis, Simón Bolívar — de onde partiu o grito inicial e supremo do anseio de liberdade. consubstanciado na estrofe de seu símbolo pátrio:

"Glória al bravo pueblo  
Que el yugo lanzó  
La ley respetando  
La virtud y honor".

Afinal, o Homem da América e do Mundo, combatido pelas lutas e refregas, embora forte de espírito, contudo seu físico não resiste e desaparece a 17 de dezembro de 1930, antes de alcançar meio século de existência... E como criatura da humanidade, que semeou o bem e o civismo, está espelhado em Castro Alves:

Grandes homens! Apóstolos heróicos!...  
Eles diziam mais do que os estoicos.  
"Dor, — tu és um prazer!  
Grelha, — és um leito! Brasa, — és uma gema!  
Cravo, — és um cetro! Chama, — um diadema!  
Ó morte, — és o viver!"

E não faltou Unamuno, com sua frase consagrada. "Se ele não houvesse existido, a humanidade não estaria completa." (Palmas)

**O SR. PRESIDENTE (Nilo Coelho)** — Com a palavra a nobre Deputada Bete Mendes.

**A SR<sup>a</sup> BETE MENDES (PT — SP.** Sem revisão do orador.) — Sr. Senador Nilo Coelho, Presidente do Senado Federal, Sr. Deputado Flávio Marçílio, Presidente da Câmara dos Deputados, Exm<sup>o</sup> Sr. Embaixador Ramiro Saraiva Guerreiro, Ministro das Relações Exteriores, Exm<sup>o</sup> Sr. Ministro Cordeiro Guerra, Presidente do Supremo Tribunal Federal, Exm<sup>o</sup> Sr. Núncio Apostólico, Reverendo Monsenhor Carlo Furuo, Srs. Embaixadores, autoridades presentes, Srs. Congressistas, tudo o que foi dito aqui a respeito de Simón Bolívar, este grande libertador da América — e temos a satisfação de falar América, porque a nossa América Latina faz parte de um todo que é o Continente Americano — foi muito bem colocado, destacando-se a importância deste homem como um líder aqui nascido e que lutou pela nossa libertação. Gostaríamos de tomar a liberdade, através do Partido dos Trabalhadores, de lembrar tese que já defendemos desta tribuna, que é a grande importância de pessoas como Simón Bolívar poderem aparecer historicamente, como o destaque mundial que ele tem. Estamos falando de cultura.

Para homenagear o bicentenário deste grande libertador, tomamos outra personalidade que nos toca particularmente, também um latino-americano, nome de altíssima repercussão no mundo — o grande poeta Pablo Neruda. Esse ilustre homem — infelizmente já não o temos conosco — também um grande libertador, legou-nos uma das maiores riquezas que temos como seres humanos, que é a poesia. Em seu trabalho de libertação, ele, que foi Prêmio Nobel de 1971, fez um poema que é quase uma oração reverenciando Simón Bolívar.

Tomamos a liberdade de fazer uma tradução livre, por acharmos melhor falar na nossa língua, embora respeitemos a nossa latinidade, seja ela castelhana, seja ela brasi-

leira, ao mesmo tempo em que pedimos seja transcrito o poema na sua versão original.

Assim, pedimos licença ao grande poeta Pablo Neruda para fazer nossas as suas palavras de homenagem a Simón Bolívar, com este poema que se intitula "Um Canto para Bolívar:"

"Padre nuestro que estás em la tierra, em el agua, em el aire

de toda nuestra extensa latitud silenciosa, todo lleva tu nombre, padre, en nuestra morada: tu apellido la caña levanta a la dulzura, el estaño bolívar tiene un fulgor bolívar. el pájaro bolívar sobre el volcán bolívar. la patata, el salitre, las sombras especiales, las corrientes, las vetas de fosfórica piedra, todo lo nuestro viene de tu vida apagada, tu herencia fueron rios, llanuras, campanarios, tu herencia es el pan nuestro de cada día, padre.

Tu pequeño cadáver de capitán valiente ha extendido en lo inmenso su metálica forma, de pronto salen dedos tuyos entre la nieve y el austral pescador saca a la luz de pronto tu sonrisa, tu voz palpitando en las redes.

De qué color la rosa que junto a tu alma alcemos? Roja será la rosa que recuerde tu paso. Cómo serán las manos que toquen tu ceniza? Rojas serán las manos que en tu ceniza nacen. Y cómo es la semilla de tu corazón muerto? Es roja la semilla de tu corazón vivo.

Por eso es hoy la ronda de manos junto a ti. Junto a mi mano hay otra y hay otra junto a ella. y otra más, hasta el fondo del continente oscuro. Y otra mano que tú no conociste entonces viene también, Bolívar, a estrechar a la tuya: de Teruel, de Madrid, del Jarama, del Ebro, de la cárcel, del aire, de los muertos de España. llega esta mano roja que es hija de la tuya.

Capitán, combatiente, donde una boca grita libertad, donde un oído escucha, donde un soldado rojo rompe una frente parda. donde um laurel de libres brota, donde una nueva bandera se adorna con la sangre de nuestra insigne aurora.

Bolívar, capitán, se divisa tu rostro.

Otra vez entre pólvora y humo tu espada está nasciendo.

Otra vez tu bandera con sangre se ha bordado. Los malvados atacan tu semilla de nuevo, clavado en otra cruz está el hijo del hombre.

Pero hacia la esperanza nos conduce tu sombra el laurel y la luz de tu ejército rojo a través de la noche de América con tu mirada mira.

Tus ojos que vijilan más allá de los mares, más allá de los pueblos oprimidos y heridos, más allá de las negras ciudades incendiadas, tu voz nace de nuevo, tu mano otra vez nace: tu ejército defiende las banderas sagradas: la Libertad sacude las campanas sangrientas, y un sonido terrible de dolores precede la aurora enrojecida por la sangre de hombre.

Libertador, un mundo de paz nació en tus brazos. La paz, el pan, el trigo de tu sangre nacieron, de nuestra joven sangre venida de tu sangre saldrán paz, pan y trigo para el mundo que haremos.

Yo conocí a Bolívar una mañana larga, en Madrid, en la boca del Quinto Regimiento, Padre, le dije, eres o no eres o quién eres? Y mirando el Cuartel de la Montaña, dijo: "Despierto cada cien años cuando despierta el pueblo." (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Nilo Coelho) — Concedo a palavra ao nobre Senador José Ignácio.

*O SR. JOSÉ IGNÁCIO PRONUNCIA DISCURSO QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO POSTERIORMENTE*

O SR. PRESIDENTE (Nilo Coelho) — Com a palavra o Sr. Deputado Francisco Benjamim.

O SR. FRANCISCO BENJAMIM (PDS — BA. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Nilo Coelho, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Flávio Marcílio, Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal, Ministro Cordeiro Guerra, Sr. Ministro de Estado das Relações Exteriores, Ministro Saraiva Guerreiro, Srs. Embaixadores, Srs. Deputados, Srs. Senadores, autoridades militares, meus senhores e minhas senhoras, o Congresso Nacional, tendo decidido cultuar a memória de Simón Bolívar, por ocasião do bicentenário de seu nascimento, em homenagem de vigorosa sinceridade, honra suas tradições de mais de um século de respeito às boas causas, consciente, como disse Woodrow Wilson, de que, "enquanto a liberdade tiver defensores no mundo, o nome de Bolívar não será esquecido".

À frente de seus exércitos, a cruzar cordilheiras, atravessar charcos, emancipar povos e fundar pátrias, a figura do Grande Libertador desponta, não apenas como um dos maiores próceres do século XIX, mas como um dos vultos de maior expressão da História universal.

As montanhas de Mérida, sucessão vertiginosa de píncaros, de vales e abismos, as planícies nostálgicas e as selvas do Orinoco plasmaram e completaram o homem, Simón Bolívar, como afirmou o historiador Adolfo Monjardín: tudo nele foi imponência e força.

Ao traçar o perfil de Bolívar, Salvador de Madariaga escreve:

"A glória que Bolívar aspirava não era nenhum reino do mapa: o que ele queria era ser rei da História, da História que cobre todo o espaço da terra e todo o tempo do homem."

A Simón Bolívar, a cujo exemplo ainda hoje recorremos na tarefa de conciliar e harmonizar os interesses do Continente em benefício do bem comum, devemos a homenagem suprema, não pelo que ele realizou pela espada, mas por ter antecipado, com a intuição própria dos gênios, que o destino das nações americanas seria a unidade, e não a separação.

Cedo percebeu o Libertador, com efeito, que nesta parte do mundo ou se libertariam solidários todos os países, ou seria precária a independência de cada um, arrancado, com essa convicção, para os irreversíveis movimentos de autonomia das diversas nações do Hemisfério, e para a organização política dos diversos Estados americanos.

Com a força dessa crença, seu ideal maior era o de fazer do Continente "a maior nação do mundo, menos por sua extensão e riquezas, que por sua liberdade e glória".

Bolívar encarou, destarte, com sua presença histórica, a síntese perfeita do ideal e da ação, moldando sua existência segundo os objetivos de que até hoje se alimenta a consciência coletiva da América Latina.

Em aprofundado estudo sobre a vida do Libertador, o historiador alemão Gerhard Masur resume o ideário político de Bolívar, afirmando que, para ele, a Liberdade representava um valor em si mesmo. A organização política dessa Liberdade, por sua vez, só teria expressão na Democracia, que deve encontrar seu ponto de equilíbrio entre as exigências da liberdade individual e as da estabilidade política e da eficiência administrativa.

Finalmente, para a solução dos problemas internacionais latino-americanos, acreditava o Libertador na necessidade de vir a ser criado um organismo capaz de revistar uma eventual agressão externa com a força das armas de todas as nações do Continente, e habilitado a dirimir as controvérsias entre seus membros através de um tribunal de justiça.

Com efeito, em 1815, em sua célebre "Carta da Jamaica", Bolívar escrevia:

"É uma idéia grandiosa pretender de todo o Novo Mundo uma só nação, com um só vínculo, que ligue suas partes entre si e com o todo. Já que têm uma origem, uma língua, costumes e uma religião, deveriam, por conseguinte, ter um mesmo Governo que confederasse os diferentes Estados que haviam de se formar."

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, a epopéia de Bolívar, que marcou o nascimento do Continente para a vida independente, é uma página que orgulha a humanidade. Certa vez disse Carlyle, comentando a gesta, que Bolívar foi um Ulisses, cuja Odisséia espera um narrador como Homero.

Homem de ação, homem de liberdade e homem de glória, Bolívar foi, sobretudo, um idealista, para quem era impossível sepultar esperança.

General, estadista e libertador da Venezuela, Colômbia, Equador, Panamá, Peru e Bolívia. Herói de mais de 200 batalhas, sua vida, como já foi dito, constitui um dos mais colossais painéis de glória e tragédia da civilização humana.

Nascido em Caracas, de família nobre e abastada, de inclinações intelectuais e aguda sensibilidade política e social, Bolívar realizou estudos na Venezuela, na Espanha e na França. Aprendeu por si só, como afirma renomado escritor espanhol, a arte da rebelião, deixando-se sempre conduzir pelas idéias eternas da razão, da justiça e da liberdade.

Nele a facilidade de distinguir, o poder da intuição e a intuição do justo eram proverbiais.

Conhecia profundamente as obras de Montesquieu, de Voltaire e de Rousseau. O espírito independente do primeiro e as idéias republicanas do segundo, ambos com sentimento muito realista da política, exerceram grande influência sobre ele.

Além desses, o pensamento filosófico de Locke, Buffon, D'Alembert e Helvetius, como de Hobbes e Spinoza, marcaram profundamente suas convicções políticas e históricas.

O resultado de todas essas leituras foi a completa adesão de Bolívar às idéias enciclopedistas dos séculos XVII e XVIII, assim como uma firme crença do destino e nos direitos do Homem.

Também o sábio alemão Alexander von Humboldt, a quem conhecera em Paris, estimulou-o a seguir avançando no caminho do liberalismo.

Essas concepções filosóficas puseram-no em contato com a franco-maçonaria, da qual chegou a ser Mestre, organização, como se sabe, que fundamental importância teve na condução dos movimentos revolucionários da emancipação americana.

Aos 22 anos, em companhia de antigo Mestre, viaja a Roma, onde, visitando um dia o Monte Aventino — onde os plebeus se refugiaram quando a opressão dos patrícios se tornou insuportável — e aí — dizem — meditando sobre a opressão que dominava o Continente sul-americano, ajoelhou-se e jurou consagrar sua vida à missão de libertar seu povo.

Assim, depois de 4 anos longe da Pátria, embarcou em Hamburgo, em fins de 1806, chegando a Caracas em fevereiro do ano seguinte.

Na Venezuela, Francisco de Miranda, general do exército de Napoleão e que lutara ao lado de Washington, —



cuja vida foi um prólogo heróico ao drama da liberdade continental — tinha sido derrotado, compreendendo, então, Bolívar que a grande aventura da revolução só deveria ser iniciada quando a deusa da Fortuna se mostrasse propícia.

Esperou, assim, até 1810, quando tomou parte na 1ª Junta de Governo constituída sem a interferência da metrópole espanhola, seguindo, logo depois, para Londres, em missão diplomática, onde entrou em contato com Miranda e outros exilados venezuelanos.

Seis meses mais tarde, retorna a Caracas, e a 3 de julho do ano seguinte, dando um impulso final à Declaração de Independência, dirige-se aos seus compatriotas, dizendo:

“Coloquemos sem medo a pedra angular da Liberdade na América. Vacilar agora é perecer”.

Note-se, a propósito, que a exemplo de outros grandes líderes da humanidade, como César, Frederico, Napoleão e Bismarck, Bolívar tinha um absoluto domínio da palavra, tendo sido, pois, não só um grande guerreiro, mas um dos mais brilhantes oradores do Continente.

Mas a República recém-instalada só durou um ano. As forças fiéis à Espanha recuperaram, ao preço de muita luta, o território dos rebeldes, e o próprio terremoto de 26 de março de 1812 abriu a sepultura da República agonizante.

Bolívar constatou, então, como disse, “que é mais difícil arrancar um povo da escravidão do que subjugar um povo livre”.

Fugindo das tropas espanholas, Bolívar chega a Curaçao, com o objetivo de alcançar Cartegena, principal porto de Nova Granada, de onde lançou o célebre “Manifesto de Cartagena” — documento hoje considerado um clássico da literatura revolucionária latino-americana.

Bolívar, como herói do Continente, nasceu em Cartagena, naquele difícil ano de 1812. Foi aí, entre muralhas gigantescas, fortalezas inexpugnáveis e o Palácio da Inquisição, que Bolívar recuperou o ânimo, reencontrou a esperança e marchou para a vitória.

Recomeçou, então, a luta decisiva.

Novo Aníbal, novo Napoleão, Bolívar cruzou gigantescas maciças de montanhas, enfrentou inóspitas florestas, transpôs rios, venceu exércitos, para aquecer-se ao sol de meio-dia das vitórias de Taguanes, Araure, Pasto, Carabobo, Ayacucho e Junín, e encerrar definitivamente o domínio espanhol da América.

Durante as batalhas, Bolívar, como Frederico, o Grande, permanecia sempre no meio de seus homens. No sentido exato da palavra, era mais um guerreiro que um estrategista, e esta tendência marcou sua atividade durante os 15 anos da guerra da independência.

Bolívar possuía, ademais, um temperamento de artista. Como foi dito, era sensível à beleza, penetrava quase religiosamente na natureza, sua percepção captava a perfeição da forma.

Tinha alma de poeta. Mas sua única inspiração, na palavra e na ação, era a liberdade da América.

Poeta e soldado, ao mesmo tempo espontâneo, claro e convincente.

Como Disraeli, Bolívar não era estruturalmente um governante, mas um artista que, através da liberdade, pensava soprar nova vida à argila americana.

Ninguém pode negar, por outro lado, que o pan-americanismo nasceu em 1826, e seu grande ideólogo se chamava Simon Bolívar. No Tratado que o Libertador celebrou com o Peru, em 1822, já se falava numa Assembléia Geral dos Estados Unidos, plano que não encontrou maior receptividade junto à comunidade das nações recém-libertados naqueles dias.

Em 1824, entrando em Lima, como Libertador da Colômbia e Encarregado do Mando Supremo do Peru, passou circular aos Governos das Repúblicas Americanas, na qual, após referir-se aos 15 anos de sacrifícios, consa-

grados à causa da liberdade, afirmava haver convidado, em 1822, os governos do México, Peru, Chile e Buenos Aires, para que formassem uma confederação.

Como disse, a respeito do assunto, o Embaixador Teixeira Soares.

“Descortinavam-se aos olhos do Libertador, em portentosa antevisão, os lineamentos de uma nova sociedade americana. O ideal da continentalidade teria de ser pragmático, ademais de condensador de energia novas ao serviço dos propósitos de uma ação profundamente humana e democrática”.

Convidou os países para o Congresso na Cidade do Panamá.

O evento foi solenemente inaugurado por Bolívar a 22 de junho de 1826.

No Congresso, que realizou dez sessões, manifestou-se “como um clarão genial, o ideal da continentalidade bolivariana, com tendência à criação de um Direito Público próprio”.

Nele, Simon Bolívar, adiantando-se mais de um século à sua época, disse, como que a nos orientar nos caminhos que devíamos percorrer para alcançar a verdadeira integração latino-americana:

“Só a união dos povos do continente os fará fortes e respeitáveis ante as outras nações do mundo.”

É ainda o Embaixador Teixeira Soares que ensina:

“Ao lançar o plano do Congresso do Panamá, o Libertador sonda o futuro e teme o flagelo das discórdias e das desuniões. É preciso que a América Latina seja coesa, orgânica, vigilante. Por isso, o Congresso do Panamá procurou lançar os alicerces de um pensamento ativo, que só surgiria, talvez timidamente, em 1889, com a primeira Conferência Internacional Americana, de Washington, lançada pelo Secretário de Estado Blaine. O ideal da paz perpétua, baseado num Direito Público pragmático e evolutivo, foi um dos norteios de Bolívar.”

Bolívar, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, compreendeu as realidades do seu tempo e os objetivos permanentes dos povos latino-americanos.

Seu sonho não foi ignorado ou insensível aos brasileiros, tanto assim que não foi por simples gesto de aventura que o General brasileiro José Inácio de Abreu e Lima participou ao seu lado na grande gesta libertadora.

E foi também por entender a importância dessa colaboração que, ao regressar à terra natal, 15 anos depois, o General Abreu e Lima foi reincorporado, a título honorífico, no Exercício brasileiro.

Iuminado pela constância do sentimento pan-americanista, já estando no Brasil, o General Abreu e Lima escreveu:

“... assisti à infância da Colômbia, em nova Granada, sou dos poucos sobreviventes de Boyacá.”

Compreendo, também, a importância do Brasil no contexto da vida americana, ao receber as cartas credenciais do Senhor Luis Dias, primeiro Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, de S.M. o Imperador do Brasil, a 30 de março de 1830, disse o Libertador Bolívar:

“O Império do Brasil, recentemente criado por seu ilustre Monarca, é uma das garantias mais poderosas que têm recebido as Repúblicas da América no caminho da sua independência. Dando vosso Soberano o formoso exemplo de submeter-se espontaneamente a uma Constituição mais liberal, fez-se credor do aplauso e da admiração do mundo.”

Nos sem fins de sua grandeza, na sugestão dos seus exemplos e no exemplo fecundo de seus trabalhos em fa-

vor da grande pátria americana, apenas se orgulhava Bolívar de possuir, conferido que lhe foi pelos respectivos parlamentos, o Título de Libertador.

Como escreveu em carta ao General Páez, em 1826.

“O Título de Libertador é superior a todos os que o orgulho humano pode receber.”

A comemoração que hoje nos congrega afigura-se um momento justo para, concitados pela presença anímica do Libertador entre nós, pensarmos todos numa América coesa e vigilante, lembrando-nos, como ensinou Bolívar, em Junín, “que a liberdade da América é sua esperança e a sua salvação.” (Palmas.)

**O SR. PRESIDENTE** (Nilo Coelho) — Srs. Congressistas, o Exmº Sr. Presidente do Supremo Tribunal Federal tem inadiável compromisso na Alta Corte que preside, ao meio-dia e pede permissão para abandonar a Mesa.

Agradecemos a S. Exª pela honrosa presença nesta reunião.

Concedo a palavra, a seguir, ao nobre Deputado Matheus Schmidt.

**O SR. MATHEUS SCHMIDT** (PDT — RS. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Nilo Coelho, Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Flávio Márcilio, Exmº Sr. Saraiva Guerreiro, Ministro das Relações Exteriores, Sr. Representante da Santa Fê, Srs. Embaixadores dos Estados bolivarianos, Sr. Presidente do Bloco Brasileiro do Parlamento Latino-Americano, Deputado José Carlos Teixeira, Srs. Deputados e Srs. Senadores, repito, lavrei o mar, minha vida foi um quixotesco lavar sobre as águas. Ah, Simón Bolívar, Libertador, não teria ele, ao certo, escrito estas palavras se pudesse imaginar que 153 anos depois de sua morte uma ilustre Deputada Federal da Câmara dos Deputados do Brasil se comoveria às lágrimas ao reverenciar a sua memória.

O Congresso brasileiro hoje presta justa homenagem a um grande vulto da humanidade. Quis o meu partido que eu, talvez o menos indicado da sua bancada, viesse aqui representá-lo para trazer a este seletto plenário toda a consideração, admiração e reverência que devemos ao Libertador.

Gostaria de poder hoje, aqui, dar a dimensão de Bolívar como um humanista, de Bolívar, o homem que se preocupava com a humanidade de Bolívar o homem que nos seus valores colocava em primeiro lugar o seu sentimento de humanidade. O juramento que prestou em Roma, no monte sacro, é um hino de louvor à humanidade. Vou permitir-me ler uma parte desse juramento:

“— Então, esta é a cidade de Rômulo e Remo, dos Gracos e Horácios, de Augusto e de Nero, de César e de Bruto, de Tibério e de Trajano? Aqui todas as grandezas tiveram sua forma e todas as misérias seu berço. Otávio se disfarça com o manto da piedade pública para ocultar a desconfiança de seu caráter e seus arrebatamentos sanguinários. Bruto crava o punhal no coração de seu protetor para substituir a tirania de César, e renuncia aos direitos de sua glória para embarcar na galera de uma meretriz que não pensa em regenerar-se. Sila degola seus companheiros e Tibério, sombrio como a noite e depravado como o crime, divide o seu tempo entre a concupiscência e a chacina ... Para um Cincinato houve cem Caracalas; para um Trajano cem Calígulas; e para um Vespasiano cem Cláudios. Este povo teve de tudo; severidade para os velhos tempos, austeridade para a república; depravação para os imperadores, catácumbas para os cristãos; coragem para um mundo inteiro, ambição para transformar todos os estados da terra em distritos tributários; mulheres para fazer passar as rodas sacrilégias de suas car-

ruagens sobre o tronco despedaçado dos próprios pais; oradores, como Cícero, para comover; poetas, como Virgílio, para seduzir com o seu canto; satíricos, como Juvenal e Pêrsio; filósofos pusilânimes como Sêneca e cidadãos incorruptíveis como Catão. Este povo teve espírito para tudo, menos para a causa da Humanidade. Messalinas corrompidas, Agripinas sem entranhas, grandes historiadores, naturalistas insígnies, guerreiros ilustres, procônsules rapaces, sibaritas desenfreados, preciosas virtudes e crimes grosseiros; mas para a emancipação do espírito para o extermínio das preocupações, para o enaltecimento do homem e para a perfectibilidade definitiva de sua razão, deu muito pouco, para não dizer nada. A civilização que soprou do Oriente revelou aqui todas as suas faces, mostrou todos os seus elementos; mas quanto a resolver o grande problema da liberdade do homem, parece que o assunto lhe foi desconhecido e que a solução desta misteriosa incógnita só se há de verificar no Novo Mundo."

Bolívar preparou-se para ser o Libertador da América. Desde menino soube temperar o seu caráter no espírito de luta que, sabia, teria pela frente na missão para a qual se propunha.

Na Europa se ilustrou, estudou, tomou contato com o que havia de novo no pensamento da humanidade expressado por Rousseau, Montesquieu e outros enciclopedistas. Bolívar tomou a si o encargo e a decisão de libertar o seu povo, de libertar a sua América. Mas libertar a América numa visão de grandeza. Ele próprio se rebelava contra o espírito mesquinho de seus comandados, quando, já em solo da América, desenvolveu sua luta pela libertação. E, rebelando-se contra o espírito mesquinho de seus comandados, que viviam, no dia-a-dia, a se preocupar com as coisas miúdas da vida, sem levantar o olhar para as grandes realizações da humanidade e sem olhar os grandes propósitos da humanidade, foi, acima de tudo, um libertário e um democrata. No encontro que teve, em Guayaquil com outro libertador, San Martín, que vinha do Sul, libertando os povos americanos, quando ele descia do Norte no mesmo mister, mostrando seu caráter democrático e os propósitos que o animavam disse Simón Bolívar a San Martín:

"— Meu general, a democracia que floresceu até no solo corrompido da Europa, medraria certamente no solo virgem da América. Aqui não existe qualquer elemento real de aristocracia, mas antes uma lamentável caricatura. Não há portanto, meu caro general, elementos de monarquia nesta terra de Deus. Deixemos formar-se aqui uma democracia e a dignidade brotará entre os homens, a necessidade e o hábito de trabalhar para alcançar benefícios sociais serão fomentados; e estes criarão riqueza e indústria comercial que atrairá a imigração da Europa onde o camponês, faminto de terra, poderá achá-la aqui. É impossível fazer voltar atrás o progresso da raça humana. Uma monarquia aqui estabelecida seria de curta duração porque a idéia de democracia ficou firmemente enraizada nestes doze anos de luta gloriosa, cheia de exemplos de abnegação e patriotismo."

Mas o espírito de estadista de Bolívar, o homem que tinha a visão do mundo, se revelou quando estabeleceu os pontos que sugeriu aos Estados convidados examinarem no Congresso do Panamá. Estes sete pontos hoje permanecem vivos no pensamento e na consciência dos povos latino-americanos.

1º — neutralidade perpétua;

2º — doutrina de Monroe para a América, contra o imperialismo europeu;

3º — o Direito Internacional reconhecido pelas legislações nacionais;

4º — abolição da escravidura;

5º — organização democrática;

6º — Sanções contra os membros que violassem seus princípios fundamentais;

7º — exército e frota federais.

Ao homenagear os 200 anos de nascimento de Bolívar, os povos da América Latina têm um compromisso: nós, os americanos do Sul, temos o compromisso de desenvolver as idéias de Bolívar, para que o que ele pregou para o estabelecimento da Confederação das Nações Sul-Americanas não tenha sido um sonho em vão. Temos o compromisso, agora, quando a América Latina atravessa um dos momentos mais difíceis da sua História, quando, mercê de uma dívida externa que sufoca todos os nossos povos, se apresenta perante os nossos Estados o problema da emancipação econômica e libertária dos nossos continentes, nós, povos americanos, temos o dever de nos darmos os braços, nos darmos as mãos uns aos outros, temos o dever de procurar o nosso entendimento para voltar nossas políticas externas para nós mesmos, porque se, no século passado, os nossos povos tiveram que passar por momentos difíceis, em que eram até ofendidos na sua soberania pelos Estados desenvolvidos do mundo, e buscarmos, nós outros, a consolidação de nossas Independências; se isso ocorreu no século passado e fez-nos voltarmos todos para o que representava na política internacional a Grã-Bretanha; se, posteriormente, com o desenvolvimento industrial dos Estados Unidos da América do Norte, nós todos procuramos voltar-nos para o Norte, buscando ali ajuda para o desenvolvimento das nossas economias — tudo isso aconteceu no passado — hoje, quando verificamos, na prática, que se esgotaram as fontes de inspiração da nossa política externa tanto no que diz respeito à Inglaterra poderosa do século IX quanto aos Estados Unidos da América do Norte, resta-nos voltarmos para nós mesmos e buscarmos a consecução das idéias de Bolívar, homenageando-o, nestes 200 anos de seu nascimento, com o nosso conagração, com a busca de afinidade da nossa política internacional, para que todos possamos fazer frente ao poderio dos países desenvolvidos, na busca da libertação econômica dos nossos povos e para que, finalmente, possamos, seguindo os sonhos de Bolívar, estabelecer uma nova ordem econômica internacional. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Nilo Coelho) — Concedo a palavra ao Deputado Celso Peçanha.

O SR. CELSO PEÇANHA (PTB — RJ. Sem revisão do orador.) — Sr. Senador Nilo Coelho, Presidente do Congresso Nacional; Sr. Deputado Flávio Marcílio, Presidente da Câmara dos Deputados; Sr. Ministro das Relações Exteriores; Sr. Representante da Santa Sé, Sr. Prof. Vamireh Chacon; Srs. Senadores; Srs. Deputados; Srs. Embaixadores; meus senhores e minhas senhoras. Permita-me, Sr. Presidente do Congresso, que eu nomeie aqui os Embaixadores e Encarregados de Negócios dos países que foram libertados pelo nosso homenageado: Embaixador da Bolívia, Gustavo Fernandez Saavedra, do Equador, Gustavo Ruales Viel, da Colômbia, German Rodrigues Fonnegra, do Peru, Alejandro Deustua, da Venezuela, Ildegar Pérez Segnini, e, do Panamá, Encarregada de Negócios, Srª Emilia Aracelis Quintero Samper.

Que figura admirável essa, Sr. Presidente, que, depois de dois séculos, ao evocar a sua vida e a sua obra, provoca, no Congresso brasileiro, emoções, lágrimas e aplausos. Quarenta e sete anos, somente quarenta e sete anos foram suficientes para que ele se tornasse o libertador de seis territórios, tornando-os nações. Pouco tempo, mas uma vida, como se fora um Dom Quixote que realizou o seu sonho, um bravo lutador, aquele que se projeta em todo o mundo, levando a mensagem da América. Que homem extraordinário! Filho de família abastada, pro-

curo mergulhar nas raízes da América-Latina, para arrancá-la da escravidão, da dependência. Como imaginar este homem que fora a Roma e, lá do Monte Sacro, em 1805, prestara este juramento: "Vou salvar a minha Pátria, vou libertar o meu Continente, vou lutar pelo meu povo". Como compreender este homem que tinha nas veias o sangue basco e no temperamento a africanidade, que desperta na hora exata, quando o mundo toma um novo impulso pelas idéias de Rousseau, de Montesquieu e de Voltaire. Em Paris, ouvi o naturalista Alexandre Von Humboldt que percorreu vários países da América e desperta a sua atenção para assumir a liderança.

Maçom, que grande maçom! Ele assimilou todos os ensinamentos que balizaram sua vida dentro da Loja Macônica. Foram os ensinamentos brasileiros da Sublime Ordem que o impulsionaram para a liberdade política das Américas, para a abolição da escravidura e a extinção do tributo aos indígenas.

Militar e estadista, orador e pensador, Simón Bolívar é a figura mais alta das Américas. Sua historiografia é a mais vasta. Se fomos buscar todas as passagens de sua vida, toda a sua trajetória, encontraremos milhares de livros, desde Salvador Mandariaga, que procura apegá-lo, diminuí-lo, até Sílvia Júlio, meu mestre, que o exalta, mostrando todas as facetas de sua vida. Que homem este que vence duzentas batalhas, atravessa os Andes, com as Cordilheiras geladas, abre clareiras nas matas virgens, vadeia rios e vai plantando, aqui, ali e acolá, um ideal novo. De onde vem este ideal e por que quis ele semeá-lo aqui no continente jovem? Era, na verdade, um momento de extorção do mundo colonial; guerras civis lavravam por toda a América; confrontos ideológicos e algumas propostas inovadoras surgiam. A Revolução Francesa semeou o ideal de liberdade, igualdade e fraternidade.

No Brasil, a Revolução de Pernambuco de 1817 foi o marco principal. Nascida das lojas maçônicas, era a fermentação das idéias libertárias, no sentido de dar impulso à vida brasileira sem a dependência a Portugal. Simón Bolívar, o ardente jovem criado pela negra Hipólita, se abeberou dos conhecimentos do Prof. Simón Davi Rodrigues e jurou salvar esta Pátria. Já mencionaram desta tribuna todas as batalhas que ele venceu. Já se falou dos manifestos que lançou. Já se disse pormenores da sua vida. Quero ressaltar tão-somente o Simón Bolívar provocador de mudanças estruturais, o inovador, o verdadeiro revolucionário. Caudilho admirável. E que Unamuno chegou a dizer: gine de quimérica montaria. E todos proclamaram: caminhante e guia. Caudilho milagroso, caudilho incomparável, perfeito representante da sua raça.

Sim! Ele foi um criador de mundos, sobretudo naquela altura do século XIX, foi um reformador. Vejam bem. América Latina, dominada por uma grande nação; e o Brasil dominado por Portugal; e em meio a tudo isso ele pregava a libertação de países e chamava ao seu exército jovem do Mississippi ao cabo Hornos. Queria quebrar os grilhões do colonialismo, conduzir o continente a novo destino. Simón Bolívar realizou o seu sonho, foi o grande inovador do século XIX, um provocador de revoluções, de benditas e sagradas revoluções.

Nesta altura da vida, Sr. Presidente, quando sentimos a América ameaçada, não pelo domínio político de outra nação, mas pelo poder econômico-financeiro de outras potências, inclusive transnacionais, é hora de revivermos a vida e a obra de Simón Bolívar e de seguirmos o seu exemplo. Que bom seria se surgisse, nesta Pátria, neste continente — continente que tem suas veias abertas, para usar de expressão de Galeano — se surgisse um libertador que traçasse um novo rumo, nesta hora tão triste para a América Latina.

Que esta comemoração do Bicentenário de Simón Bolívar seja um exemplo para todas as nações latino-

americanas; que elas possam libertar-se do jugo das ideias que surgiram em Bretton Woods e possam caminhar firmes, com clareiras abertas por novos libertadores, novos Simón Bolívars para a salvação da América Latina e de nosso País. (Palmas).

**O SR. PRESIDENTE** (Nilo Coelho) — Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Flávio Marcílio, Sr. Ministro Saraiva Guerreiro, Sr. Decano do Corpo Diplomático, Monsenhor Dom Carlo Furno, Srs. Embaixadores bolivarianos, destacadamente o Embaixador Perez Segnini, da irmã Venezuela, autoridades civis e militares, Srs. Congressistas, minhas senhoras e meus senhores, Prof. Vamireh Chacon, autor do livro “Abreu e Lima, General de Bolívar”, cuja publicação o Senado Federal patrocinou. Gostaria ainda de destacar uma presença neste plenário, fortuita, imprevista. Está entre nós o ex-Deputado, bolivariano legítimo, pernambucano, João Inácio Ribeiro Roma.

É o sentimento brasileiro de todas as revoluções irredentistas e libertárias de 1817. Ele está aqui, na participação mais rediviva do espírito de Abreu e Lima. Não poderia haver nada mais comovente e significativo do patriotismo nordestino do que registrar esta presença.

Ao concluir esta sessão solene, que se realiza para reverenciar a memória de um dos maiores vultos entre os povos do Novo Mundo, não poderia eu, um pernambucano dos verdes canaviais, irmão espiritual dos que nasceram no vale do Aráguia, em San Mateo, deixar de extrapolar as formais palavras de encerramento desta sessão magna, para também saudar este grande homem, que tantas luzes lançou sobre a mocidade pernambucana no alvorecer de nossa independência.

Neste anô, em que a Amércia Espanhola, e — por que não dizer? — os povos ibero-americanos, celebram o bicentenário de Simón José Antonio de la Santíssima Trinidad Bolívar y Palácios, mais conhecido universalmente como Simón Bolívar, o libertador das Américas, não poderia o Brasil ficar silente diante de um evento de tal magnitude.

Entre os poucos e verdadeiros próceres e libertadores dos oprimidos, iluminados ou ungidos com o novo horizonte de esperanças na organização social dos povos, impôs-se Bolívar com o seu patriotismo americano desmesurado, com a sua inteligência diplomática e política invulgares e o seu gênio militar incomparável, portando a glória e o esplendor de suas idéias.

Um personagem da dimensão de Bolívar extrapola os limites de seu país para tornar-se, singularmente, um cidadão do mundo, uma figura universal. O seu ideário e a sua luta incendiaram as aspirações e movimentos libertários dos países então colonizados, dando-lhe lugar de destaque na história da civilização ibero-americana e na galeria dos estadistas mais notáveis e dignos que a humanidade já conheceu.

Ninguém na América poderá falar em liberdade, solidariedade e entendimento entre as nações livres sem render o seu tributo de respeito e veneração ao grandioso filho da Venezuela, herói da liberdade em várias pátrias e aclamado no continente americano como o libertador.

Ninguém contribuiu mais do que Bolívar na formação do sentimento e da consciência interamericana, ninguém mais do que ele criou tão fortes vínculos entre as nações do novo mundo.

Bolívar foi um cultor de virtudes raras e até hoje um caráter imaculado de homem público, cuja pureza tem resistido a todos os prismas do julgamento da História, sob todos os ângulos da evolução do pensamento social e político da humanidade.

Simón Bolívar jamais quis excluir o Brasil do seu grande plano de solidariedade continental. Se lhe faltamos, foi porque toda a América Latina ainda estava imatura para entender e atender ao seu chamado.

A epopéia bolivariana é, por consequência desta visão, a nossa primavera dos povos. Desde a proclamação da “Carta da Jamaica”, Bolívar frisava que somos “uma pequena humanidade”, o mundo novo que estamos construindo.

Em linguagem moderna, idealizava ele uma nação de repúblicas livres.

Em seu conceito de unidade hemisférica, em 1824, Bolívar já dizia: “Façam que o amor ligue com um laço universal os filhos do hemisfério de Colombo, e que o ódio, a vingança e a guerra se afastem de nosso seio”.

Simón Bolívar representa a maior ponte entre o século XVIII e o XIX, ao mesmo tempo um racionalista e um romântico.

Era uma sombra grande demais para ser entendida pelos seus contemporâneos. Entre os mais fiéis dos seus correligionários, dos seus amigos, o seu General brasileiro Abreu e Lima, Bolívar lamentava que, por uns, fosse considerado demasiado liberal, por outros excessivamente igualitário, tanto que ele antecipava a síntese dos tempos vindouros.

Apesar de todas as incompreensões, foi ouvido nos confins do continente.

**O Tiphys Pernambucano**, do profeta e mártir Frei Caneca, da revolução de 1817, evocava-o nas vésperas da Confederação do Equador, em 1824, revolução que tentou reunir o Nordeste do Brasil sob idêntica bandeira libertária, proclamando-o “Presidente Libertador”, “Supremo comandante de todos os exércitos do Peru”. Ele foi também a esperança dos revolucionários brasileiros de então.

E, se Bolívar só chegou ao Brasil pela palavra, atraiu e abrigou as vítimas pernambucanas das insurreições pioneiras de 1817 e 1824, seus líderes foram acolhidos na Grã-Colômbia como irmãos.

Assim o foi com relação à mocidade intelectual e rebelde da Província de Pernambuco, onde Recife e Olinda se incluíam entre os centros culturais de maior importância na colônia, pólos irradiadores que eram das novas idéias libertárias e do sentimento nativista na formação da consciência da nossa nacionalidade.

Do Recife martirizado e humilhado partiram, em sucessivas levas, o jovem Capitão José Inácio de Abreu e Lima, que chegaria a ser General-de-Brigada, com o nome inscrito no monumento dos próceres em Caracas por heróico destaque nos campos de batalha em Carabobo, Boyacá, Portete de Taquí, até Ayacucho, decisivos para a independência da Venezuela, Colômbia, Equador e Peru.

Além de Abreu e Lima, seu irmão Luiz Inácio Ribeiro Roma, Emiliano Felipe Benício Mundrucu e Francisco Antônio Barreto emigraram para a Venezuela atraídos pela epopéia bolivariana.

Ainda do Recife seguiria o poeta José da Natividade Saldanha para morrer em Bogotá, sempre na rota do libertador, celebrando sua glória em versos nas duas línguas igualmente fraternas, o português e o espanhol.

É o itinerário deste poeta e revolucionário pernambucano, seu envolvimento na Confederação do Equador, a adaptação dos políticos brasileiros exilados e recebidos como irmãos de ideário e cidadania pelos Grão-Colombianos, seu relacionamento com os generais de Bolívar, o ambiente cultural, religioso e político daquela época gloriosa de emancipação americana, que é revelado neste livro intitulado **Da Confederação do Equador à Grã-Colômbia**, que o Senado da República Federativa do Brasil edita hoje, como parte das comemorações do

bicentenário do libertador e em memória dos próximos 160 anos da revolução pernambucana de 1824 e dos mártires que sucumbiram no exercício e aprendizagem dos tortuosos mas floridos caminhos da liberdade.

O historiador Vamireh Chacon, que escreveu esta obra, é também autor de um outro livro intitulado “Abreu e Lima, General de Bolívar”.

Bolívar não chegou em pessoa ao Brasil, mas contagiou-nos pelo exemplo maior das Américas, modelo que foi da nossa Confederação do Equador, a qual chegou a adotar a constituição da Grã-Colômbia, e fiel acolhedor dos malogrados heróis brasileiros. Todos estão presentes neste momento, em torno de nós, suas sombras, a se confundirem com a imensa sombra do libertador, transformam numa só a inspiração comum para a unidade latino-americana.

Assim o martírio se sublimará em profecia, a esperança em realidade.

Ao ensejo de reviver o grande americano que foi Bolívar, refletimos sobre tantos laços que nos unem pela História e tantos vínculos que nos ligam pela geografia aos diversos países, da vastidão dos pampas à misteriosa Amazônia.

Falemos a linguagem de Bolívar.

Nós, brasileiros, temos também a certeza de que uma América Latina coesa e solidária contribuirá poderosamente para o fortalecimento do sistema interamericano, dentro do qual mantemos; a despeito de naturais divergências, uma afinidade histórica de princípios, ideais e vocação.

O tempo separa os homens, mas dá sequência às ideias.

A liberdade é ainda o sonho maior da humanidade como um todo e do cidadão em particular.

A liberdade é conquista da independência do agir e do pensar.

Hoje estamos livres de muitos dos grilhões visíveis e palpáveis que caracterizam a existência do servilismo e da escravidão entre nós, mas ainda nos resta realizar uma grande parte deste sonho em seu conceito moderno.

A História mais uma vez nos ensina que é sobretudo com o nosso próprio empenho que devemos contar para a superação da atual crise, que solapa os alicerces da nossa soberania e nacionalidade, fenômeno este de proporções não menores que a enfrentada nas lutas pela independência política.

A nossa luta deve ser pela liberdade sem os desafiadores bolsões de pobreza e miséria; a liberdade sem a ignorância e o analfabetismo; a liberdade sem os abismos que separam umas regiões secularmente mais sofridas das outras de maior desenvolvimento; a liberdade no relacionamento entre os povos e as nações; a liberdade sem o colonialismo financeiro e cultural.

Na qualidade de Presidente do Congresso do Brasil, instituição das mais representativas do povo e da nacionalidade do nosso País, (muito bem!) em nome de todos os brasileiros, juntamente com os oradores que aqui se manifestaram neste plenário, também saúdo os irmãos de ideal e a pátria de Bolívar, hoje associados aos diversos países que, neste ano, reverenciam a memória do Libertador das Américas.

Somos todos irmãos de Bolívar, a América é a nossa pátria, honremos o ideal de Bolívar. (Palmas prolongadas.)

Desejo agradecer aos eminentes e ilustres visitantes que nos honraram com suas presenças nesta sessão solene.

Declaro encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 12 horas e 32 minutos)

## Ata da 250ª Sessão Conjunta, em 31 de agosto de 1983

1ª Sessão Legislativa Ordinária,  
da 47ª Legislatura

*Presidência do Sr. Almir Pinto*

ÀS 19 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS.  
SENADORES:

Jorge Kalume — Altevair Leal — Mário Maia — Eunice Michiles — Fábio Lucena — Raimundo Parente — Claudionar Roriz — Aloysio Chaves — Gabriel Hermes — Hélio Gueiros — Alexandre Costa — João Castelo — José Sarney — Alberto Silva — Helvídio Nunes — João Lobo — Almir Pinto — José Lins — Virgílio Távora — Carlos Alberto — Martins Filho — Humberto Lucena — Marcondes Gadelha — Milton Cabral — Aderbal Jurema — Marco Maciel — Nilo Coelho — Guilherme Palmeira — João Lúcio — Luiz Cavalcante — Albano Franco — Lourival Baptista — Passos Pôrto — Jutahy Magalhães — Luiz Viana — João Calmon — José Ignácio — Amaral Peixoto — Nelson Carneiro — Roberto Saturnino — Itamar Franco — Murilo Badaró — Alfredo Campos — Amaral Furlan — Fernando Henrique Cardoso — Severo Gomes — Benedito Ferreira — Henrique Santillo — Mauro Borges — Gastão Müller — Roberto Campos — José Fragelli — Marcelo Miranda — Saldanha Derzi — Affonso Camargo — Álvaro Dias — Enéas Faria — Jaison Barreto — Jorge Bornhausen — Lenoir Vargas — Carlos Chiarelli — Pedro Simon — Octavio Cardoso.

E OS SRS. DEPUTADOS:

### Acre

Aluizio Bezerra — PMDB; Amílcar de Queiroz — PDS; Geraldo Fleming — PMDB; José Mello — PMDB; Nossier Almeida — PDS; Ruy Lino — PMDB; Wildy Vianna — PDS.

### Amazonas

Artur Virgílio Neto — PMDB; Carlos Alberto de Carli — PMDB; José Fernandes — PDS; José Lins de Albuquerque — PDS; Josué de Souza — PDS; Mário Frota — PMDB; Randolfo Bittencourt — PMDB; Vivaldo Frota — PDS.

### Rondônia

Assis Canuto — PDS; Francisco Erse — PDS; Francisco Sales — PDS; Leônidas Rachid — PDS; Múcio Athaíde — PMDB; Olavo Pires — PMDB; Orestes Muniz — PMDB; Rita Furtado — PDS.

### Pará

Ademir Andrade — PMDB; Antônio Amaral — PDS; Brabo de Carvalho — PMDB; Carlos Vinagre — PMDB; Coutinho Jorge — PMDB; Dionísio Hage — PMDB; Domingos Juvenil — PMDB; Gerson Peres — PDS; Jorge Arbage — PDS; Lúcia Viveiros — PDS; Manoel Ribeiro — PDS; Osvaldo Melo — PDS; Ronaldo Campos — PMDB; Sebastião Curió — PDS; Vicente Queiroz — PMDB.

### Maranhão

Bayma Júnior — PDS; Cid Carvalho — PMDB; Edison Lobão — PDS; Enoc Vieira — PDS; Epitácio Cafeteira — PMDB; Eurico Ribeiro — PDS; Jayme Santana — PDS; João Alberto de Souza — PDS; João Rebelo —

PDS; José Burnett — PDS; José Ribamar Machado — PDS; Magno Bacelar — PDS; Nagib Haickel — PDS; Sarney Filho — PDS; Vieira da Silva — PDS; Wagner Lago — PMDB.

### Piauí

Celso Barros — PDS; Ciro Nogueira — PMDB; Heráclito Fortes — PMDB; Jonathas Nunes — PDS; José Luiz Maia — PDS; Ludgero Raulino — PDS; Milton Brandão — PDS; Tapety Júnior — PDS; Wall Ferraz — PMDB.

### Ceará

Aécio de Borba — PDS; Alfredo Marques — PMDB; Antônio Moraes — PMDB; Carlos Virgílio — PDS; Claudio Philomeno — PDS; Evandro Ayres de Moura — PDS; Flávio Marcílio — PDS; Furtado Leite — PDS; Gomes da Silva — PDS; Haroldo Sanford — PDS; Iranildo Pereira — PMDB; Leorne Belém — PDS; Lúcio Alcântara — PDS; Manoel Gonçalves — PDS; Marcelo Linhares — PDS; Mauro Sampaio — PDS; Moysés Pimentel — PMDB; Orlando Bezerra — PDS; Ossian Ara-ripe — PDS; Paulo Lustosa — PDS; Sérgio Philomeno — PDS.

### Rio Grande do Norte

Agenor Maria — PMDB; Antônio Câmara — PMDB; Antônio Florêncio — PDS; Henrique Eduardo Alves — PMDB; Jessé Freire — PDS; João Faustino — PDS; Vingt Rosado — PDS; Wanderley Mariz — PDS.

### Paraíba

Adauto Pereira — PDS; Aluísio Campos — PMDB; Alvaro Gaudêncio — PDS; Antônio Gomes — PDS; Carneiro Arnaud — PMDB; Edme Tavares — PDS; Ernani Satyro — PDS; Joacil Pereira — PDS; João Agripino — PMDB; José Maranhão — PMDB; Raimundo Asfora — PMDB; Tarcísio Buriti — PDS.

### Pernambuco

Antônio Farias — PDS; Arnaldo Maciel — PMDB; Carlos Wilson — PMDB; Cristina Tavares — PMDB; Egídio Ferreira Lima — PMDB; Fernando Lyra — PMDB; Geraldo Melo — PDS; Gonzaga Vasconcelos — PDS; Inocêncio Oliveira — PDS; Jarbas Vasconcellos — PMDB; João Carlos de Carli — PDS; José Carlos Vasconcelos — PMDB; José Jorge — PDS; José Mendonça Bezerra — PDS; José Moura — PDS; Josias Leite — PDS; Mansueto de Lavor — PMDB; Miguel Arraes — PMDB; Nilson Gibson — PDS; Oswaldo Coelho — PDS; Oswaldo Lima Filho — PMDB; Pedro Corrêa — PDS; Ricardo Fiuza — PDS; Roberto Freire — PMDB; Sérgio Murilo — PMDB; Thales Ramalho — PDS.

### Alagoas

Albérico Cordeiro — PDS; Djalma Falcão — PMDB; Fernando Collor — PDS; Geraldo Bulhões — PDS; José Thomaz Nonô — PDS; Manoel Afonso — PMDB; Nelson Costa — PDS; Renan Calheiros — PMDB.

### Sergipe

Adroaldo Campos — PDS; Augusto Franco — PDS; Celso Carvalho — PDS; Francisco Rollemberg — PDS; Gilton Garcia — PDS; José Carlos Teixeira — PMDB; Walter Baptista — PMDB.

### Bahia

Afrísio Vieira Lima — PDS; Angelo Magalhães — PDS; Antônio Osório — PDS; Carlos Sant'Ana — PMDB; Djalma Bessa — PDS; Domingos Leonelli —

PMDB; Elquisson Soares — PMDB; Eraldo Tinoco — PDS; Etelvir Dantas — PDS; Felix Mendonça — PDS; Fernando Gomes — PMDB; Fernando Magalhães — PDS; Fernando Sant'Ana — PMDB; França Teixeira — PDS; Francisco Benjamim — PDS; Francisco Pinto — PMDB; Genebaldo Correia — PMDB; Gorgônio Neto — PDS; Haroldo Lima — PMDB; Hélio Correia — PDS; Horácio Matos — PDS; Jairo Azi — PDS; João Alves — PDS; Jorge Medauar — PMDB; Jorge Vianna — PMDB; José Lourenço — PDS; José Penedo — PDS; Jutahy Júnior — PDS; Leur Lomanto — PDS; Manoel Novaes — PDS; Marcelo Cordeiro — PMDB; Ney Ferreira — PDS; Prisco Viana — PDS; Raymundo Urbano — PMDB; Raul Ferraz — PMDB; Rômulo Galvão — PDS; Ruy Bacelar — PDS; Virgildásio de Senna — PMDB; Wilson Falcão — PDS.

### Espírito Santo

Hélio Manhães — PMDB; José Carlos Fonseca — PDS; Luiz Baptista — PMDB; Max Mauro — PMDB; Mirthes Bevilacqua — PMDB; Nelson Aguiar — PMDB; Pedro Ceolim — PDS; Stélio Dias — PDS; Theodorico Ferraço — PDS.

### Rio de Janeiro

Abdias do Nascimento — PDT; Agnaldo Timóteo — PDT; Alair Ferreira — PDS; Aloysio Teixeira — PMDB; Amaral Netto — PDS; Arildo Teles — PDT; Arolde de Oliveira — PDS; Bocaiúva Cunha — PDT; Brandão Monteiro — PDT; Carlos Peçanha — PMDB; Celso Peçanha — PTB; Clemir Ramos — PDT; Darcílio Ayres — PDS; Daso Coimbra — PMDB; Délio dos Santos — PDT; Denisar Arneiro — PMDB; Eduardo Galil — PDS; Fernando Carvalho — PTB; Figueiredo Filho — PDS; Francisco Studart — PTB; Gustavo Faria — PMDB; Hamilton Xavier — PDS; Jacques D'Ornellas — PDT; JG de Araújo Jorge — PDT; Jorge Cury — PTB; Jorge Leite — PMDB; José Cologroni — PDT; José Eudes — PT; José Frejat — PDT; Lázaro Carvalho — PDS; Léo Simões — PDS; Leônidas Sampaio — PMDB; Márcio Braga — PMDB; Márcio Macedo — PMDB; Mário Juruna — PDT; Osmar Leitão — PDS; Roberto Jefferson — PTB; Rubem Medina — PDS; Saramago Pinheiro — PDS; Sebastião Ataíde — PDT; Sebastião Nery — PDT; Sérgio Lomba — PDT; Simão Sessim — PDS; Walter Casanova — PDT; Wilmar Palis — PDS.

### Minas Gerais

Aníbal Teixeira — PMDB; Antônio Dias — PDS; Bonifácio de Andrada — PDS; Carlos Eloy — PDS; Carlos Mosconi — PMDB; Cássio Gonçalves — PMDB; Castejon Branco — PDS; Christóvam Chiaradia — PDS; Emílio Gallo — PDS; Gerardo Renault — PDS; Homero Santos — PDS; Humberto Souto — PDS; Israel Pinheiro — PDS; Jairo Magalhães — PDS; João Hercúlio — PMDB; Jorge Carone — PMDB; Jorge Vargas — PMDB; José Carlos Fagundes — PDS; José Machado — PDS; José Maria Magalhães — PMDB; José Mendonça de Moraes — PMDB; José Ulisses — PMDB; Juarez Batista — PMDB; Júnia Marise — PMDB; Leopoldo Besone — PMDB; Luís Dulci — PT; Luiz Baccarini — PMDB; Luiz Guedes — PMDB; Luiz Leal — PMDB; Magalhães Pinto — PDS; Manoel Costa Júnior — PMDB; Marcos Lima — PMDB; Mário Hassad — PDS; Mário de Oliveira — PMDB; Maurício Campos — PDS; Melo Freire — PMDB; Milton Reis — PMDB; Navarro Vieira Filho — PDS; Nylton Veloso — PDS; Oscar Corrêa — PDS; Osvaldo Murta — PMDB; Ozanan Coelho — PDS; Paulino Cícero de Vasconcellos — PDS; Pimenta da Veiga — PMDB; Raul Belém — PMDB; Raul Bernardo — PDS; Ronaldo Canedo — PDS; Rondon Pacheco — PDS; Rosemburgo Romano —

— PMDB; Sérgio Ferrara — PMDB; Vicente Guabiroba — PDS; Wilson Vaz — PMDB.

#### São Paulo

Adail Vettorazzo — PDS; Aírton Sandoval — PMDB; Aírton Soares — PT; Alberto Goldman — PMDB; Alcides Franciscato — PDS; Armando Pinheiro — PDS; Aurélio Peres — PMDB; Bete Mendes — PT; Cardoso Alves — PMDB; Cunha Bueno — PDS; Darcy Passos — PMDB; Del Bosco Amaral — PMDB; Djalma Bom — PT; Diogo Nomura — PDS; Doreto Campanari — PMDB; Eduardo Matarazzo Suplicy — PT; Estevam Galvão — PDS; Farabulini Júnior — PTB; Felipe Cheidde — PMDB; Ferreira Martins — PDS; Flávio Bierrembach — PMDB; Francisco Amaral — PMDB; Francisco Dias — PMDB; Freitas Nobre — PMDB; Gasthane Righi — PTB; Gióia Júnior — PDS; Herbert Levy — PDS; Irma Passoni — PT; Israel Dias-Novais — PMDB; Ivete Vargas — PTB; João Bastos — PMDB; João Cunha — PMDB; João Herrmann — PMDB; José Camargo — PDS; José Genoino — PT; Maluly Neto — PDS; Marcelo Gato — PMDB; Márcio Santilli — PMDB; Marcondes Pereira — PMDB; Mário Hato — PMDB; Mendes Botelho — PTB; Mendonça Falcão — PTB; Moacir Franco — PTB; Natal Gale — PDS; Nelson do Carmo — PTB; Octacílio de Almeida — PMDB; Paulo Maluf — PDS; Paulo Zarzur — PMDB; Raimundo Leite — PMDB; Renato Cordeiro — PDS; Ricardo Ribeiro — PTB; Roberto Rollemberg — PMDB; Ruy Codo — PMDB; Salles Leite — PDS; Salvador Julianelli — PDS; Samir Achôa — PMDB; Theodoro Mendes — PMDB; Tidei de Lima — PMDB; Ulysses Guimarães — PMDB.

#### Goiás

Aldo Arantes — PMDB; Brasília Caiado — PDS; Fernando Cunha — PMDB; Genésio de Barros — PMDB; Ibsem de Castro — PDS; Iram Saraiva — PMDB; Irapuan Costa Júnior — PMDB; Iturival Nascimento — PMDB; Jaime Câmara — PDS; João Divino — PMDB; Joaquim Roriz — PMDB; Juarez Bernardes — PMDB; Paulo Borges — PMDB; Siqueira Campos — PDS; Tobias Alves — PMDB; Wolney Siqueira — PDS.

#### Mato Grosso

Bento Porto — PDS; Cristino Cortes — PDS; Dante de Oliveira — PMDB; Gilson de Barros — PMDB; Jonas Pinheiro — PDS; Maçao Tadan — PDS; Márcio de Lacerda — PMDB; Milton Figueiredo — PMDB.

#### Mato Grosso do Sul

Albino Coimbra — PDS; Harry Amorim — PMDB; Levy Dias — PDS; Plínio Martins — PMDB; Ruben Figueiró — PMDB; Saulo Queiroz — PDS; Sérgio Cruz — PMDB; Ubaldo Barém — PDS.

#### Paraná

Alceni Guerra — PDS; Alencar Furtado — PMDB; Amadeu Geara — PMDB; Anselmo Peraro — PMDB; Antônio Mazurek — PDS; Aroldo Moletta — PMDB; Ary Kffuri — PDS; Borges da Silveira — PMDB; Celso Sabóia — PMDB; Dilson Fanchin — PMDB; Euclides Scalco — PMDB; Fabiano Braga Cortes — PDS; Hélio Duque — PMDB; Ítalo Conti — PDS; José Carlos Martinez — PDS; José Tavares — PMDB; Luiz Antônio Fayet — PDS; Matos Leão — PMDB; Norton Macedo — PDS; Olivir Gabardo — PMDB; Oscar Alves — PDS; Otávio Cesário — PDS; Paulo Marques — PMDB; Pedro Sampaio — PMDB; Reinhold Stephanes — PDS; Renato Bernardi — PMDB; Renato Bueno — PMDB; Renato Johnson — PDS; Santinho Furtado — PMDB;

Santos Filho — PDS; Sebastião Rodrigues Júnior — PMDB; Valmor Giavarina — PMDB; Walber Guimarães — PMDB.

#### Santa Catarina

Adhemar Ghisi — PDS; Cacildo Maldaner — PMDB; Dirceu Carneiro — PMDB; Epitácio Bittencourt — PDS; Evaldo Amaral — PDS; Fernando Bastos — PDS; Ivo Vanderlinde — PMDB; João Paganella — PDS; Luiz Henrique — PMDB; Nelson Morro — PDS; Nelson Wedekin — PMDB; Odilon Salmoria — PMDB; Paulo Melro — PDS; Pedro Colin — PDS; Renato Viana — PMDB; Walmor de Luca — PMDB.

#### Rio Grande do Sul

Aldo Pinto — PDT; Amaury Müller — PDT; Augusto Trein — PDS; Balthazar de Bem e Canto — PDS; Darcy Pozza — PDS; Emídio Perondi — PDS; Floriceno Paixão — PDT; Guido Moesch — PDS; Hermes Zaneti — PMDB; Hugo Mardini — PDS; Ibsen Pinheiro — PMDB; Irajá Rodrigues — PMDB; Irineu Colato — PDS; João Gilberto — PMDB; José Fogaça — PMDB; Júlio Costamilan — PMDB; Lélío Souza — PMDB; Matheus Schimidt — PDT; Nadir Rosseti — PDT; Nelson Marchezan — PDS; Nilton Alves — PDT; Oly Faccin — PDS; Osvaldo Nascimento — PDT; Paulo Mincaroni — PMDB; Pedro Germano — PDS; Pratini de Moraes — PDS; Rosa Flores — PMDB; Rubens Ardenghi — PDS; Siegfried Heuser — PMDB; Sinval Guazzelli — PMDB; Victor Faccioni — PDS.

#### Amapá

Antônio Pontes — PDS; Clark Platon — PDS; Geovani Borges — PDS; Paulo Guerra — PDS.

#### Roraima

Alcides Lima — PDS; João Batista Fagundes — PDS; Mozarildo Cavalcanti — PDS.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — As listas de presença acusam o comparecimento de 63 Srs. Senadores e 469 Srs. Deputados. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Passando-se ao período destinado a breves comunicações, concedo a palavra ao nobre Deputado Denisar Arneiro.

**O SR. DENISAR ARNEIRO** (PMDB — RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, hoje, estive ocupando, pela manhã, a Sala Nereu Ramos do Ministério do Planejamento para prestar esclarecimentos aos Deputados do meu partido, o Partido Democrático Social, sobre o envio à esta Casa do Projeto de Lei nº 2.045 e a necessidade da sua aprovação.

Não sei se S. Ex.<sup>a</sup> conseguiu convencer toda sua bancada, que lá compareceu, mas desejamos deixar consignado nos Anais desta Casa o que pensam os banqueiros internacionais a respeito dos homens que conduzem os entendimentos com o FMI, em nome do Brasil, segundo o "Wall Street Journal", transcrito hoje pelo "copy-desk" que recebemos esta manhã.

O "Wall Street Journal", edição européia, publica com grande destaque o que foi a primeira tentativa de operação de salvamento do Brasil em New York, uma orgia bancária de outubro a maio, e que falhou. A sucessão de equívocos, gafes e erros psicológicos de altos funcionários, e mais a ganância de alguns bancos internacionais são, a crer no jornal, reveladoras do despreparo constrangedor de parte de funcionários brasileiros e sua total inadequação para enfrentar a crise. A solução para a estabilidade financeira do Brasil — e para o sistema internacional de crédito — depende de os bancos recupera-

rem a confiança de que precisam para refinarçar os débitos do Brasil e restaurar a entrada de capital estrangeiro líquido no País. A experiência do México mostra como a chave para esta confiança dos bancos é estes acreditarem na perspectiva de pagamento dos juros dos débitos existentes. A opinião é do jornal "Financial Times".

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, estamos desejosos de que os nossos credores acreditem em homens nos quais 99,9% dos brasileiros já não acreditam. Creio mesmo, Sr. Presidente, que os únicos que ainda acreditam no êxito da política econômica que continua a ser implantada no Brasil, são talvez o Sr. Presidente da República e os próprios Ministros do Planejamento, Fazenda e Presidente do Banco Central.

Sr. Presidente e Srs. Congressistas, nem os assessores mais diretos destes Ministros acreditam nos seus chefes, tal o descrédito em que caíram.

Acho, Sr. Presidente, que só um milagre salvará o nosso País de uma moratória humilhante, negociada ou unilateral.

**O Sr. Presidente** (Almir Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Marcondes Pereira.

**O Sr. Marcondes Pereira** (PMDB — SP. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, em São José dos Campos, estão-se realizando várias reuniões de congrassamento da população. Dessas reuniões surgiu o "Manifesto dos Cidadãos Indignados", nestes termos:

#### "MANIFESTO DOS CIDADÃOS INDIGNADOS"

Nós, cidadãos brasileiros, indignados com os rumos da Nação, submetida aos desmandos de grupos de poder divorciados da realidade do povo; indignados com a situação da população, submetida à opressão, miséria e fome e condenada ao analfabetismo; indignados com o imobilismo, a cegueira e a inconsciência dos políticos, militares e tecnocratas que dominam a Nação, empobrecendo-a e corrompendo-a, exigimos:

1. Declaração unilateral de moratória.
  2. Repúdio ao Decreto-lei nº 2.045 (decreto do achatamento salarial).
  3. Revogação imediata da Lei de Segurança Nacional.
  4. Eleições livres e diretas para uma Assembléia Nacional Constituinte.
  5. Eleições diretas para Presidente da República em 15 de novembro de 1984.
- Exigimos alimentação, educação e trabalho para todos os brasileiros.
- Comitê dos Cidadãos Indignados."

Este manifesto corre a cidade, distribuído em portas de bares, nos pontos de ônibus e nas escolas. Ele demonstra a indignação geral a que chegou o povo da minha cidade, da minha região, e o transmito aqui não com o prazer de apenas ler documento aqui na tribuna, mas para manifestar a esta Casa como já o povo se organiza para dar uma satisfação a si próprio. Já não chega mais gritar. Já é necessário dizer que está indignado, e quando um povo está indignado há realmente uma ameaça muito séria.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Com a palavra o Sr. Deputado Farabulini Júnior.

**O SR. FARABULINI JÚNIOR** (PTB — SP. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, até há pouco tempo o problema do achatamento salarial, que aflige milhões de trabalhadores brasileiros, exigia dos Congressistas, Deputados e Senadores, que olhassem para esse triunvirato cujos nomes a Nação já conhe-



ce, deplora, detesta, e a respeito dos quais se vergasta, porque são indignos de exercitarem cargos públicos neste País. Atentaram os Ministros da área econômica contra o decoro do exercício do cargo, infringiram, como se sabe, a Lei que fixa a responsabilidade dos Ministros de Estado, nº 1.079, de 1950. Hoje, entretanto, para despalante de todos, aparece no cenário o Ministro do Trabalho, Murillo Macêdo, que na Escola Superior de Guerra estabeleceu medida que poderia ser compatível com os nossos ouvidos e decide agora que nos dissídios coletivos de trabalho nas Delegacias Regionais do Trabalho deste País não se operem negociações que superem os 80% sobre o INPC, fixados pelo Decreto-lei nº 2.045, já em vigor.

Então, aceita o Ministro que, na verdade, não devem as Delegacias Regionais do Trabalho estabelecer a medida heróica dos trabalhadores, que é a de conseguir um pouco mais do que os 80%, e estabelece uma medida absurda, enquanto diz que o problema não é de natureza jurídico-salarial, mas de intervenção do Estado no domínio econômico. E, enquanto pretende intervir no domínio econômico, o Estado pode, perfeitamente, promover esse achatamento que constitui uma vergonha nacional. Por que, Sr. Ministro, não se admite a intervenção do Estado no domínio econômico, na acepção verdadeira da palavra? Por que não se intervém nessas empresas multinacionais? Por que não se intervém nas empresas cujos lucros são remetidos para o exterior e cujos royalties são pagos indiscriminadamente, sendo estes últimos o escopo do Fundo Monetário Internacional e do capitalismo internacional em marcha, que pretende exatamente fazer sucumbir a empresa nacional frente à empresa multinacional? Esse Ministro Murillo Macêdo, na verdade, está totalmente fora da realidade, mas é preciso que os Congressistas saibam que devemos rejeitar o Decreto-lei nº 2.045, mas rejeitá-lo de plano, tão logo venha para a discussão e votação. Que se vote contra, porque, em verdade, não podemos aceitar o Decreto-lei nº 2.045. A sociedade brasileira não o aceita e muito menos o proletariado.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Sérgio Cruz.

O Sr. Sérgio Cruz (PMDB — MS. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, tenho ouvido de Vice-Líderes do PDS, na difícil e angustiante tentativa de minimizar as repercussões do escândalo das “polonetas”, um apelo desesperadamente ingênuo, no sentido de que a imprensa e a Oposição silenciem nas denúncias e exigências, para que se chegue à verdade, até que os relatórios oficiais definam as responsabilidades e os responsáveis.

Fala-se, com um saudosismo quase hipócrita, ameaçador e com algumas tintas de um terrorismo semântico, dos que foram acusados de ladrão e morreram pobres; dos que foram chamados até tarados de corruptos e terminaram como símbolos da honestidade... um desfiar de exemplos que a História registra como acontecimentos sombrios, mas que não podem ser equiparados com o que se passa hoje nesta democracia de pacotes do Gen. Figueiredo.

Muitos dos episódios referidos na antologia dos Líderes governistas, ocorreram com desfecho melancólico e hoje pranteado, porque homens de mãos limpas teimaram, resistiram em aplicar a lei, quando o momento exigia; preferiram acreditar em relatórios, dossiês, preparada nos porões da indignidade, nos subterrâneos das tramas, contra a soberania nacional. Homens que morreram pobres, apesar da pecha maldita de desonestos, porque não tiveram a lucidez e a prevenção para perceber que, enquanto com toda para perceber que enquanto com toda responsabilidade e respeito, cuidavam da porta do cofre, os áulicos estavam dentro do cofre. Morreram pobres e estão no mesmo cemitério de outros que o cercaram pobres e morreram ricos.

Homens incorruptíveis, massacrados pelo sensacionalismo de denúncias, críticas e acusações, que não souberam abrir os olhos depois do sono e, enquanto todos viam e avisavam, punham-se na deliberada condição de marido traído, distraídos na equívoca convicção de que, ao seu redor, aureolados, estava sempre um púgilo de Arcanjos, quando entre eles havia sempre — e a História é pródiga em exemplos, — uma porção, preferentemente dos mais hábeis, que antes de entrar no grupo dos puros, haviam vendido a alma ao demônio.

Nesses tempos, Sr. Presidente, rememorados sem nenhum romantismo pelos ilustres líderes pedessistas, quando o superior não punia o subordinado infrator, o superior era impiedosamente punido... Não porque fosse, necessariamente, ladrão ou corrupto, mas porque foi pior para si e para seus governados: omitiu-se. Foi-lhe indiferente a denúncia sensacionalista.

Finalizando, Sr. Presidente, hoje os tempos mudaram. As críticas são apenas uma advertência equilibrada e, muitas vezes, até em forma de apelo: As denúncias são comprovadamente ponderadas, os escândalos são públicos e notórios, confirmados até pelos desmentidos e esclarecimentos mal esclarecidos, e apenas a Nação é unida. Um dia, Sr. Presidente, algum líder de algum partido do Governo ainda há de reviver a história de hoje.

Tenho dito.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Concedo a palavra ao Sr. Deputado Francisco Amaral.

**O SR. FRANCISCO AMARAL** (PMDB — SP. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, lendo nos jornais a celebração do quadragésimo primeiro ano do vôo inaugural da VARIG para o exterior, campineiro que sou, com orgulho do meu bairrismo, associei a idéia das festividades em curso com outro aspecto da aviação comercial, sobretudo aquele ligado ao transporte de cargas e à minha cidade de Campinas.

Campinas, pela via do seu Aeroporto Internacional, representa, hoje, no País, dentro dos terminais de carga oficialmente reconhecidos, o maior centro percentual brasileiro do despacho e do recebimento de cargas, peletizadas ou não, incluindo, no seu vasto espectro de atividades, a correspondência postal noturna.

Todos os brasileiros, praticamente, conhecem a história da VARIG, inclusive a da sua associação com a CRUZEIRO. Bem sabemos quão larga é a folha de serviços da companhia pioneira e que, nos dias atuais, leva a nossa bandeira a quase todos os aeroportos do mundo.

Todavia, se quero registrar a data que assinala o início das atividades internacionais da VARIG, e se pretendo cumprimentar os que continuam, na empresa, a engrandecê-la e a ampliar-lhe os serviços, a verdade é que, campineiro da gema, mais desejo pôr em relevo uma nova iniciativa da VARIG/CRUZEIRO e que diz respeito, muito diretamente, aos interesses do Município de Campinas.

A velocidade com que se processam todos os negócios, no mundo moderno, impôs, logicamente, a rapidez das entregas das mercadorias objeto de comércio, nacional ou internacional. O Aeroporto de Campinas, pela sua localização e suas instalações, necessariamente seria chamado a prestar à comunidade os serviços comerciais e sociais que a sua estrutura pode garantir.

Aquilo que desejo ressaltar, aqui e agora, é a providência tomada pela VARIG, qual seja a da construção de instalações para o atendimento do serviço de cargas, com isso edificando um novo terminal, logo no início do acesso ao Aeroporto de Viracopos, ocupando área superior a um mil e trezentos metros quadrados.

Atendendo todo o tráfego doméstico, na rota de Manaus, as operações da Rede Postal Noturna e o tráfego internacional de importação e exportação, as novas instalações da VARIG — que operam ininterruptamente vinte e quatro horas do dia — permitem o manuseio simultâ-

neo de cem toneladas de carga, ou seja, o equivalente à lotação de três aviões Boeing 707. E, além disso, o novo terminal da VARIG, em Campinas, pode atender ao embarque e desembarque de muitas toneladas de mercadorias, despachadas sob a moderna forma de **pallets**, que tanto tempo e espaço economizam.

Não careço de pôr em relevo quanto este avanço tecnológico representa para os interesses do Brasil e de São Paulo. Não preciso dizer quanto vale tal aprimoramento para os interesses do meu Município de Campinas.

Por isso, Sr. Presidente, deixo aqui consignados os meus aplausos e os meus agradecimentos à VARIG, por mais este passo dado no rumo do progresso.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Concedo a palavra ao Sr. Deputado José Fogaça.

**O SR. JOSÉ FOGAÇA** (PMDB — RS. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, nesta sessão, estamos na discussão, em turno único, do Decreto-lei nº 2.024. Eis aqui o exemplo cabal de um mecanismo demoníaco que foi enxertado na Constituição brasileira, esse instrumento autoritário que se chama decreto-lei. Estamos discutindo, rejeitando uma lei que não existe mais, porque já foi revogada, na prática, por outro decreto-lei, o 2.045. Esta anomalia, esta aberração só poderá acontecer num país como o Brasil, que ainda está submetido a um sistema antidemocrático.

O decreto-lei e o decurso de prazo são verdadeiras nódoas que conspurcam a Constituição. Vejam bem V. Ex<sup>as</sup>, temos aqui o Decreto-lei nº 2.024, que alterava a política salarial estabelecida no 2.012, que, por sua vez, alterava a política salarial vigente anteriormente. Estamos no final do mês de agosto, já entrando em setembro, completando quase oito meses que entrou em vigência o Decreto-lei nº 2.012, e o Governo, de lá para cá, por três vezes alterou a política salarial, prejudicando os trabalhadores, reduzindo o poder aquisitivo da população.

O Governo está causando prejuízo incalculável para as condições gerais de vida do povo brasileiro, e em nenhum momento nos coube — a nós, no Congresso Nacional — o direito de aprovar ou rejeitar, ou até de impedir que estes malfadados decretos-leis gerassem efeitos sobre a sociedade. Significa dizer que, se este Governo quiser, poderá emendar um decreto-lei no outro, *ad aeternum*, poderá colar um decreto-lei no outro daqui até a eternidade. Por isso, através da mobilização social e política e do fechamento de questão, é preciso repudiar o 2.045, para que ele seja o último elo maldito desta corrente infernal que é o decreto-lei que empobrece trabalhadores.

Sr. Presidente, nesta sessão, queremos chamar a atenção para este episódio, para este fato que denigre a política, que denigre, enfim, o nosso País, porque estamos assistindo a imposições que nada mais fazem senão retirar do trabalhador os seus parcos ganhos salariais. Na verdade, para encerrar, devemos dizer que só haverá democracia neste País quando o instituto do decreto-lei e o amaldiçoado instituto do decurso de prazo forem varridos da nossa Constituição.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Cardoso Alves.

**O SR. CARDOSO ALVES** (PMDB — SP. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, nobres Srs. Congressistas, na *Folha de S. Paulo*, edição de hoje, o jornalista Jânio de Freitas, em artigo intitulado “Anúncio de moralidade”, tece várias considerações sobre uma reunião que houve entre as autoridades brasileiras, um balanço da situação econômica, da situação política e da dívida externa. Dessa reunião tomaram parte “dois Ministros da pesada e três nem tanto”, segundo afirmação de Jânio de Freitas. Mas o mais grave, Sr. Presidente, é que, no decorrer do seu artigo, ele afirma, inclusive, que, nessa

reunião que fizeram com os dirigentes das agências bancárias brasileiras nos Estados Unidos, "integrantes do Comitê de assessoramento — o grupo de banqueiros norte-americanos que é, ao mesmo tempo, credor do Brasil e representante do Governo brasileiro — comunicavam algumas coisas esquisitas".

Digo *en passant*, para situar o artigo de Jânio de Freitas. O que realmente quero comentar neste instante são seus derradeiros parágrafos, o penúltimo e o último. Diz o jornalista:

"O Governo não chegou a comunicar as decisões da reunião promissora. Soube-se, no entanto, de outra decisão sua: proibir a publicação de anúncios seus em *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Veja* e *Isto É*. A moralidade, portanto, está salva: já sem sôfô o Governo tira os anúncios e deixou a corrupção."

Ora, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, a denúncia, se verdadeira, é de extrema gravidade. Pretenderia o Governo, através da supressão de anúncios, amordaçar os órgãos de imprensa citados pelo jornalista — *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil*, *Veja* e *Isto É*? Que outro motivo teria o Governo para suprimir a publicidade que é dada até hoje a esses órgãos da imprensa? São justamente eles, e principalmente o jornal *O Estado de S. Paulo*, que vêm devassando o Governo brasileiro, devassando alguns de seus setores, que vêm lancetando as feridas mais graves apresentadas por alguns setores do Governo brasileiro, principalmente a SEPLAN.

*O Estado de S. Paulo*, este bravo e centenário jornal, constitui-se numa bandeira de liberdade, de democracia, de afirmação cívica; este jornal já enfrentou, em tempos passados, uma atitude semelhante de um dos Governos do Estado de São Paulo, se não me engano, o Governo do Sr. Laudo Natel — e se não for, que me perdoem o erro. A atitude do Governo é profundamente estranhável. O que o Governo deveria ter feito seria procurar, a fundo e inexoravelmente, a verdade, chegar ao seu âmago, chegar ao seu ponto mais íntimo e punir exemplarmente os responsáveis, na tentativa de readquirir um pouco de respeitabilidade e de credibilidade, virtudes que já não alcançaram o governo brasileiro eis que as perdeu há muito tempo.

Agora, não. Vem o jornalista Jânio de Freitas afirmar, através da *Folha de S. Paulo*, que o Governo vai suprimir a publicidade dada a esses jornais. Que mal exemplo, que gesto truculento, que coisa feia tenciona praticar o Governo brasileiro! Aqui fica o nosso protesto.

No entanto, fica também um sinal da nossa esperança. Alguns jornalistas aqui na Casa, comentando a notícia, dizem que, na realidade, o Governo brasileiro tenciona diminuir ou suprimir a sua publicidade em todos os jornais, em razão da sua precária situação financeira. Vou, por hora, ficar com esta segunda hipótese, movido talvez por ingenuidade ou por boa fé.

Mas vou ficar com esta segunda hipótese porque não creio que, por ter sido acusado de maneira objetiva, clara e inofensiva por esses quatro órgãos da imprensa, o Governo queira puni-los por terem cumprido com o seu dever, por terem mostrado à Nação as mazelas que devem ser conhecidas, porque são saques contra a economia nacional, são punições impostas ao povo brasileiro e que não podem absolutamente passar *in albis*, mediante simples punição dos jornais.

O que se espera do Governo — e quando digo Governo refiro-me ao seu Chefe, o Presidente João Baptista Figueiredo — é que ele encare a verdade, esmiúce os fatos, promova as responsabilidades e puna os vendilhões de sua moralidades.

**O Sr. José Lourenço** — Peço a palavra como Líder, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Como líder, tem a palavra V. Exª

**O SR. JOSÉ LOURENÇO** (PDS — BA. Como Líder. Sem Revisão do orador.) — Sr. Presidente, ouvimos, agora, acusações ao Governo por parte do nobre Deputado Cardoso Alves, acusações que merecem de nossa parte comentários. O Governo, inclusive o Presidente na época em exercício, Dr. Aureliano Chaves, determinou a apuração de todos os negócios realizados entre o nosso País e a Polônia. Os documentos, fruto dessa apuração, foram tornados públicos. Sinceramente, não encontramos, por mais que o Governo tente pesquisar, qualquer fato que possa ser prova evidente de que houve deslize por parte das autoridades competentes.

Além disso, preocupado está o nosso partido em apurar tudo que existe ou possa existir e que mereça críticas, censuras, apreciações menos dignas, por parte da imprensa ou da Oposição.

O Deputado Rubens Ardenghi, do PDS do Rio Grande do Sul, está a colher assinaturas, neste Plenário, para a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, destinada a investigar, através desta Casa, todas as negociações havidas entre o Governo brasileiro e o Governo da República da Polónia.

Portanto, vê V. Exª que, tanto o nosso partido, como o Governo, estão interessados na averiguação, em profundidade, de tudo o que está ocorrendo. Todos nós, representantes do PDS nesta Casa do Congresso Nacional, estamos convictos, até prova em contrário, de que os homens que ocupam pastas ministeriais, nos mais diversos setores da vida pública do País, o fazem corretamente. Mas se corretos não o foram ou se corretamente não tiveram agido, fiquem certos V. Exª e a Oposição de que a nossa voz se levantará contra eles, pois não somos solidários com quem não esteja solidário com o bom comportamento, a boa ética e o bom tratamento da coisa pública.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Sobre a mesa, comunicação que vai ser lida pelo Sr. 1º-Secretário.

É lida a seguinte

OF. nº 128/83

Brasília, 30 de agosto de 1983

Senhor Presidente

Indico a Vossa Excelência o Deputado Brandão Monteiro para fazer parte da Comissão Mista encarregada de examinar e dar parecer sobre a Mensagem nº 102/83-CN, do Senhor Presidente da República, submetendo à deliberação do Congresso Nacional o texto do Decreto-lei nº 2.050, de 2 de agosto de 1983, em substituição ao Deputado Júlio Caruso.

Na oportunidade, renovo a Vossa Excelência protestos de consideração e apreço. — **Bocayuva Cunha**, Líder do PDT.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Será feita a substituição solicitada.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Passa-se à

## ORDEM DO DIA

Discussão, em turno único, do Projeto de Decreto Legislativo nº 72, de 1983-CN (apresentado pela Comissão Mista como conclusão de seu Parecer nº 74, de 1983-CN, rejeitando o texto do Decreto-lei nº 2.024, de 25 de maio de 1983, que dá nova redação ao artigo 2º da Lei nº 6.708, de 30 de outubro de 1979, que dispõe sobre a correção automática dos salários, modifica a política salarial, e dá outras providências.

Em discussão.

**O Sr. Edison Lobão** — Sr. Presidente, peço a palavra para uma questão de ordem.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Concedo a palavra ao Sr. Deputado Edison Lobão, para uma questão de ordem.

**O SR. EDISON LOBÃO** (PDS — MA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, nos termos do § 2º do art. 29 do Regimento Comum, sendo evidente a inexistência de *quorum*, peço a V. Exª levantar a presente sessão.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Nos termos regimentais V. Exª será atendido, porquanto é evidente a falta de *quorum*.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Nos termos do art. 55, § 1º, *in fine*, da Constituição, a Presidência convoca sessão conjunta a realizar-se hoje às 19:30h, neste plenário, destinada à apreciação dos Projetos de Decreto-Legislativo nºs 69 e 68, de 1983-CN, referentes, respectivamente, aos Decretos-leis nºs 2.021 e 2.022, de 1983.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 19 horas e 25 minutos.)

## Ata da 251ª Sessão Conjunta, em 31 de agosto de 1983

### 1ª Sessão Legislativa Ordinária da 47ª Legislatura

*Presidência do Sr. Almir Pinto*

ÀS 19 HORAS E 30 MINUTOS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

Jorge Kalume — Altevair Leal — Mário Maia — Eunice Michiles — Fábio Lucena — Raimundo Parente — Claudionar Roriz — Aloysio Chaves — Gabriel Hermes — Hélio Gueiros — Alexandre Costa — João Castelo — José Sarney — Alberto Silva — Helvídio Nunes — João Lobo — Almir Pinto — José Lins — Virgílio Távora — Carlos Alberto — Martins Filho — Humberto Lucena — Marcondes Gadelha — Milton Cabral — Aderbal Jurema — Marco Maciel — Nilo Coelho — Guilherme Palmeira — João Lúcio — Luiz Cavalcante — Albano Franco — Lourival Baptista — Passos Pôrto — Jutahy Magalhães — Luiz Viana — João Calmon — José Ignácio — Amaral Peixoto — Nelson Carneiro — Roberto Saturnino — Itamar Franco — Murilo Badaró — Alfredo Campos — Amaral Furlan — Fernando Henrique Cardoso — Severo Gomes — Benedito Ferreira — Henrique Santillo — Mauro Borges — Gastão Müller — Roberto Campos — José Fragelli — Marcelo Miranda — Saldanha Derzi — Affonso Camargo — Álvaro Dias — Enéas Faria — Jaison Barreto — Jorge Bornhausen — Lenoir Vargas — Carlos Chiarelli — Pedro Simon — Octavio Cardoso.

E OS SENHORES DEPUTADOS:

Acre

Aluízio Bezerra — PMDB; Amílcar de Queiroz — PDS; Geraldo Fleming — PMDB; José Mello — PMDB; Nosser Almeida — PDS; Ruy Lino — PMDB; Wildy Vianna — PDS.

**Amazonas**

Artur Virgílio Neto — PMDB; Carlos Alberto de Carli — PMDB; José Fernandes — PDS; José Lins de Albuquerque — PDS; Josué de Souza — PDS; Mário Frota — PMDB; Randolpho Bittencourt — PMDB; Vivaldo Frota — PDS.

**Rondônia**

Assis Canuto — PDS; Francisco Erse — PDS; Francisco Sales — PDS; Leônidas Rachid — PDS; Múcio Athaide — PMDB; Olavo Pires — PMDB; Orestes Muniz — PMDB; Rita Furtado — PDS.

**Pará**

Ademir Andrade — PMDB; Antônio Amaral — PDS; Brabo de Carvalho — PMDB; Carlos Vinagre — PMDB; Coutinho Jorge — PMDB; Dionísio Hage — PMDB; Domingos Juvenil — PMDB; Gerson Peres — PDS; Jorge Arbage — PDS; Lúcia Viveiros — PDS; Manoel Ribeiro — PDS; Osvaldo Melo — PDS; Ronaldo Campos — PMDB; Sebastião Curió — PDS; Vicente Queiroz — PMDB.

**Maranhão**

Bayma Júnior — PDS; Cid Carvalho — PMDB; Edinson Lobão — PDS; Enoc Vieira — PDS; Epitácio Cafeteira — PMDB; Eurico Ribeiro — PDS; Jayme Santana — PDS; João Alberto de Souza — PDS; João Rebelo — PDS; José Burnett — PDS; José Ribamar Machado — PDS; Magno Baçelar — PDS; Nagib Haickel — PDS; Sarney Filho — PDS; Vieira da Silva — PDS; Wagner Lago — PMDB.

**Piauí**

Celso Barros — PDS; Ciro Nogueira — PMDB; Heráclito Fortes — PMDB; Jonathas Nunes — PDS; José Luiz Maia — PDS; Ludgero Raulino — PDS; Milton Brandão — PDS; Tapety Júnior — PDS; Wall Ferraz — PMDB.

**Ceará**

Aécio de Borba — PDS; Alfredo Marques — PMDB; Antônio Moraes — PMDB; Carlos Virgílio — PDS; Claudio Philomeno — PDS; Evandro Ayres de Moura — PDS; Flávio Marcílio — PDS; Furtado Leite — PDS; Gomes da Silva — PDS; Haroldo Sanford — PDS; Iranildo Pereira — PMDB; Leorne Belém — PDS; Lúcio Alcântara — PDS; Manoel Gonçalves — PDS; Marcelo Linhares — PDS; Mauro Sampaio — PDS; Moysés Pimentel — PMDB; Orlando Bezerra — PDS; Ossian Ara-ripe — PDS; Paulo Lustosa — PDS; Sérgio Philomeno — PDS.

**Rio Grande do Norte**

Agenor Maria — PMDB; Antônio Câmara — PMDB; Antônio Florêncio — PDS; Henrique Eduardo Alves — PMDB; Jessé Freire — PDS; João Faustino — PDS; Vingt Rosado — PDS; Wanderley Mariz — PDS.

**Paraíba**

Adauto Pereira — PDS; Aluísio Campos — PMDB; Alvaro Gaudêncio — PDS; Antônio Gomes — PDS; Carneiro Arnaud — PMDB; Edme Tavares — PDS; Ernani Satyro — PDS; Joacil Pereira — PDS; João Agripino — PMDB; José Maranhão — PMDB; Raimundo Asfora — PMDB; Tarcísio Buriti — PDS.

**Pernambuco**

Antônio Farias — PDS; Arnaldo Maciel — PMDB; Carlos Wilson — PMDB; Cristina Tavares — PMDB;

Egídio Ferreira Lima — PMDB; Fernando Lyra — PMDB; Geraldo Melo — PDS; Gonzaga Vasconcelos — PDS; Inocêncio Oliveira — PDS; Jarbas Vasconcellos — PMDB; João Carlos de Carli — PDS; José Carlos Vasconcelos — PMDB; José Jorge — PDS; José Mendonça Bezerra — PDS; José Moura — PDS; Josias Leite — PDS; Mansueto de Lavor — PMDB; Miguel Arraes — PMDB; Nilson Gibson — PDS; Osvaldo Coelho — PDS; Osvaldo Lima Filho — PMDB; Pedro Corrêa — PDS; Ricardo Fiuza — PDS; Roberto Freire — PMDB; Sérgio Murilo — PMDB; Thales Ramalho — PDS.

**Alagoas**

Albérico Cordeiro — PDS; Djalma Falcão — PMDB; Fernando Collor — PDS; Geraldo Bulhões — PDS; José Thomaz Nonô — PDS; Manoel Afonso — PMDB; Nelson Costa — PDS; Renan Calheiros — PMDB.

**Sergipe**

Adroaldo Campos — PDS; Augusto Franco — PDS; Celso Carvalho — PDS; Francisco Rollemberg — PDS; Gilton Garcia — PDS; Walter Baptista — PMDB; José Carlos Teixeira — PMDB.

**Bahia**

Afrísio Vieira Lima — PDS; Angelo Magalhães — PDS; Antônio Osório — PDS; Carlos Sant'Ana — PMDB; Djalma Bessa — PDS; Domingos Leonelli — PMDB; Elquisson Soares — PMDB; Eraldo Tinoco — PDS; Etelvir Dantas — PDS; Felix Mendonça — PDS; Fernando Gomes — PMDB; Fernando Magalhães — PDS; Fernando Sant'Ana — PMDB; França Teixeira — PDS; Francisco Benjamim — PDS; Francisco Pinto — PMDB; Genebaldo Correia — PMDB; Gorgônio Neto — PDS; Haroldo Lima — PMDB; Hélio Correia — PDS; Horácio Matos — PDS; Jairo Azi — PDS; João Alves — PDS; Jorge Medauar — PMDB; Jorge Vianna — PMDB; José Lourenço — PDS; José Penedo — PDS; Jutahy Júnior — PDS; Leur Lomanto — PDS; Manoel Novaes — PDS; Marcelo Cordeiro — PMDB; Ney Ferreira — PDS; Prisco Viana — PDS; Raymundo Urbano — PMDB; Raul Ferraz — PMDB; Rômulo Galvão — PDS; Ruy Bacelar — PDS; Virgildásio de Senna — PMDB; Wilson Falcão — PDS.

**Espírito Santo**

Hélio Manhães — PMDB; José Carlos Fonseca — PDS; Luiz Baptista — PMDB; Max Mauro — PMDB; Mirthes Bevilacqua — PMDB; Nelson Aguiar — PMDB; Pedro Ceolim — PDS; Stélio Dias — PDS; Theodorico Ferraço — PDS.

**Rio de Janeiro**

Abdias do Nascimento — PDT; Agnaldo Timóteo — PDT; Alair Ferreira — PDS; Aloysio Teixeira — PMDB; Amaral Netto — PDS; Arildo Teles — PDT; Arolde de Oliveira — PDS; Bocaiúva Cunha — PDT; Brandão Monteiro — PDT; Carlos Peçanha — PMDB; Celso Peçanha — PTB; Clemir Ramos — PDT; Darcílio Ayres — PDS; Daso Coimbra — PMDB; Délio dos Santos — PDT; Denisar Arneiro — PMDB; Eduardo Galil — PDS; Fernando Carvalho — PTB; Figueiredo Filho — PDS; Franciso Studart — PTB; Gustavo Faria — PMDB; Hamilton Xavier — PDS; Jacques D'Ornellas — PDT; JG de Araújo Jorge — PDT; Jorge Cury — PTB; Jorge Leite — PMDB; José Eudes — PT; José Frejat — PDT; Lázaro Carvalho — PDS; Léo Simões — PDS; Leônidas Sampaio — PMDB; José Colagrossi — PDT; Márcio Braga — PMDB; Márcio Macedo — PMDB; Mário Juruna — PDT; Osmar Leitão — PDS; Roberto Jefferson — PTB; Rubem Medina — PDS; Saramago Pinheiro — PDS; Sebastião Ataíde — PDT; Se-

bastião Nery — PDT; Sérgio Lomba — PDT; Simão Sessim — PDS; Walter Casanova — PDT; Wilmar Palis — PDS.

**Minas Gerais**

Aníbal Teixeira — PMDB; Antônio Dias — PDS; Bonifácio de Andrada — PDS; Carlos Eloy — PDS; Carlos Mosconi — PMDB; Cássio Gonçalves — PMDB; Castejon Branco — PDS; Christóvam Chiaradia — PDS; Emílio Gallo — PDS; Geraldo Renault — PDS; Home-ro Santos — PDS; Humberto Souto — PDS; Israel Pinheiro — PDS; Jairo Magalhães — PDS; João Hercu-lino — PMDB; Jorge Carone — PMDB; Jorge Vargas — PMDB; José Carlos Fagundes — PDS; José Machado — PDS; José Maria Magalhães — PMDB; José Mendonça de Moraes — PMDB; José Ulisses — PMDB; Juarez Ba-tista — PMDB; Júnia Marise — PMDB; Leopoldo Bes-sone — PMDB; Luís Dulci — PT; Luiz Baccarini — PMDB; Luiz Guedes — PMDB; Luiz Leal — PMDB; Magalhães Pinto — PDS; Manoel Costa Júnior — PMDB; Marcos Lima — PMDB; Mário Assad — PDS; Mário de Oliveira — PMDB; Maurício Campos — PDS; Melo Freire — PMDB; Milton Reis — PMDB; Navarro Vieira Filho — PDS; Nylton Velloso — PDS; Oscar Corrêa — PDS; Osvaldo Murta — PMDB; Ozanan Coe-lho — PDS; Paulino Cícero de Vasconcellos — PDS; Pi-menta da Veiga — PMDB; Raul Belém — PMDB; Raul Bernardo — PDS; Ronaldo Canedo — PDS; Rondon Pacheco — PDS; Rosemburgo Romano — PMDB; Sér-gio Ferrara — PMDB; Vicente Guabiroba — PDS; Wil-son Vaz — PMDB.

**São Paulo**

Adail Vettorazzo — PDS; Airtton Sandoval — PMDB; Airtton Soares — PT; Alberto Goldman — PMDB; Alcides Franciscato — PDS; Armando Pinheiro — PDS; Aurélio Peres — PMDB; Bete Mendes — PT; Cardoso Alves — PMDB; Cunha Bueno — PDS; Darcy Passos — PMDB; Del Bosco Amaral — PMDB; Djalma Bom — PT; Diogo Nomura — PDS; Doretto Campanari — PMDB; Eduardo Matarazzo Suplicy — PT; Estevam Galvão — PDS; Farabulini Júnior — PTB; Felipe Cheidde — PMDB; Ferreira Martins — PDS; Flávio Bierrembach — PMDB; Francisco Amaral — PMDB; Francisco Dias — PMDB; Freitas Nobre — PMDB; Gasthone Righi — PTB; Glória Júnior — PDS; Herbert Levy — PDS; Irma Passoni — PT; Israel Dias-Novaes — PMDB; Ivete Vargas — PTB; João Bastos — PMDB; João Cunha — PMDB; João Herrmann — PMDB; José Camargo — PDS; José Genoino — PT; Maluly Neto — PDS; Marcelo Gato — PMDB; Márcio Santilli — PMDB; Marcondes Pereira — PMDB; Mário Hato — PMDB; Mendes Botelho — PTB; Mendonça Falcão — PTB; Moacir Franco — PTB; Natal Gale — PDS; Nel-son do Carmo — PTB; Octacílio de Almeida — PMDB; Paulo Maluf — PDS; Paulo Zarzur — PMDB; Raimun-do Leite — PMDB; Renato Cordeiro — PDS; Ricardo Ribeiro — PTB; Roberto Rollemberg — PMDB; Ruy Codo — PMDB; Salles Leite — PDS; Salvador Julianelli — PDS; Samir Achôa — PMDB; Theodoro Mendes — PMDB; Tidei de Lima — PMDB; Ulysses Guimarães — PMDB.

**Goiás**

Aldo Arantes — PMDB; Brasília Caiado — PDS; Fernando Cunha — PMDB; Genésio de Barros — PMDB; Ibsen de Castro — PDS; Iram Saraiva — PMDB; Irupuan Costa Júnior — PMDB; Iturival Nasci-mento — PMDB; Jaime Câmara — PDS; João Divino — PMDB; Joaquim Roriz — PMDB; Juarez Bernardes — PMDB; Paulo Borges — PMDB; Siqueira Campos — PDS; Tobias Alves — PMDB; Wolney Siqueira — PDS.

**Mato Grosso**

Bento Porto — PDS; Cristino Cortes — PDS; Dante de Oliveira — PMDB; Gilson de Barros — PMDB; Jonas Pinheiro — PDS; Maçao Tadano — PDS; Márcio de Lacerda — PMDB; Milton Figueiredo — PMDB.

**Mato Grosso do Sul**

Albino Coimbra — PDS; Harry Amorim — PMDB; Levy Dias — PDS; Plínio Martins — PMDB; Ruben Figueiró — PMDB; Saulo Queiroz — PDS; Sérgio Cruz — PMDB; Ubaldo Barém — PDS.

**Paraná**

Alceni Guerra — PDS; Alencar Furtado — PMDB; Amadeu Geara — PMDB; Anselmo Peraro — PMDB; Antônio Mazurek — PDS; Aroldo Moletta — PMDB; Ary Kffuri — PDS; Borges da Silveira — PMDB; Celso Sabóia — PMDB; Dilson Fanchin — PMDB; Euclides Scalco — PMDB; Fabiano Braga Cortes — PDS; Hélio Duque — PMDB; Ítalo Conti — PDS; José Carlos Martinez — PDS; José Tavares — PMDB; Luiz Antônio Fayet — PDS; Mattos Leão — PMDB; Norton Macedo — PDS; Olivir Gabardo — PMDB; Oscar Alves — PDS; Otávio Cesário — PDS; Paulo Marques — PMDB; Pedro Sampaio — PMDB; Reinhold Stephanes — PDS; Renato Bernardi — PMDB; Renato Bueno — PMDB; Renato Johnson — PDS; Santinho Furtado — PMDB; Santos Filho — PDS; Sebastião Rodrigues Júnior —

PMDB; Valmor Giavarina — PMDB; Walber Guimarães — PMDB.

**Santa Catarina**

Adhemar Ghisi — PDS; Cacildo Maldaner — PMDB; Dirceu Carneiro — PMDB; Epitácio Bittencourt — PDS; Evaldo Amaral — PDS; Fernando Bastos — PDS; Ivo Vanderlinde — PMDB; João Paganella — PDS; Luiz Henrique — PMDB; Nelson Morro — PDS; Nelson Wedekin — PMDB; Odilon Salmoria — PMDB; Paulo Melro — PDS; Pedro Colin — PDS; Renato Viana — PMDB; Walmor de Luca — PMDB.

**Rio Grande do Sul**

Aldo Pinto — PDT; Amaury Müller — PDT; Augusto Trein — PDS; Balthazar de Bem e Canto — PDS; Darcy Pozza — PDS; Emídio Perondi — PDS; Floriceno Paixão — PDT; Guido Moesch — PDS; Hermes Zaneti — PMDB; Hugo Mardini — PDS; Ibsen Pinheiro — PMDB; Irajá Rodrigues — PMDB; Irineu Colato — PDS; João Gilberto — PMDB; José Fogaça — PMDB; Júlio Costamilan — PMDB; Lélío Souza — PMDB; Matheus Schimidt — PDT; Nadir Rosseti — PDT; Nelson Marchezan — PDS; Nilton Alves — PDT; Oly Fanchin — PDS; Osvaldo Nascimento — PDT; Paulo Mincarone — PMDB; Pedro Germano — PDS; Pratini de Moraes — PDS; Rosa Flores — PMDB; Rubens Ardenghi — PDS; Siegfried Heuser — PMDB; Sinval Guazzelli — PMDB; Victor Faccioni — PDS.

**Amapá**

Antônio Pontes — PDS; Clarck Platon — PDS; Geovani Borges — PDS; Paulo Guerra — PDS.

**Roraima**

Alcides Lima — PDS; João Batista Fagundes — PDS; Mozarildo Cavalcanti — PDS.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — As litas de presença acusam o comparecimento de 63 Srs. Senadores e 468 Srs. Deputados. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Não há oradores inscritos para o período destinado a breves comunicações.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — A Presidência convoca sessão conjunta a realizar-se amanhã, às onze horas, neste plenário, destinada à discussão dos Projetos de Decreto Legislativo nºs 74 e 78, de 1983 — CN, referentes, respectivamente, aos Decretos-leis nºs 2.028 e 2.027, de 1983.

**O SR. HAROLDO LIMA** (PMDB — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, sendo evidente a falta de quorum, solicito a V. Exª seja encerrada a presente sessão.

**O SR. PRESIDENTE** (Almir Pinto) — V. Exª será atendido na forma regimental.

Está encerrada a sessão por falta de quorum.

(Levanta-se a sessão às 19 horas e 33 minutos.)

# DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

## PREÇO DE ASSINATURA

(Inclusa as despesas de correio)

### Seção I (Câmara dos Deputados)

Via-Superfície:

Semestre . . . . .	Cr\$	3.000,00
Ano . . . . .	Cr\$	6.000,00
Exemplar avulso . . . . .	Cr\$	50,00

### Seção II (Senado Federal)

Via-Superfície

Semestre . . . . .	Cr\$	3.000,00
Ano . . . . .	Cr\$	6.000,00
Exemplar avulso . . . . .	Cr\$	50,00

Os pedidos devem ser acompanhados de Cheque Visado, pagáveis em Brasília ou Ordem de Pagamento pela Caixa Econômica Federal — Agência PSCEGRAF, Conta-Corrente nº 920001-2, a favor do.

### Centro Gráfico do Senado Federal

Praça dos Três Poderes — Caixa Postal 1 203 — Brasília — DF  
CEP 70 160



# **CÓDIGO DE MENORES**

*(edição: 1982)*

- Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979, que "Institui o Código de Menores"
- Índice temático
- Comparação com a legislação anterior (Decreto nº 17.943-A/27 e Leis nºs 4.655/65 e 5.258/67, alterada pela Lei nº 5.439/68)
- Anotações (textos legais; pareceres; comentários; depoimento na CPI do Menor)
- Histórico da Lei nº 6.697/79 (tramitação legislativa)

**512 Páginas**

**Preço: Cr\$ 1.000,00**

*À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas – Senado Federal –  
Anexo I – 22º andar – Brasília, DF (CEP: 70160) ou pelo REEMBOLSO POS-  
TAL*

# **O PODER LEGISLATIVO E A CRIAÇÃO DOS CURSOS JURÍDICOS**

Obra comemorativa do Sesquicentenário da Lei de 11 de agosto de 1827, que criou os Cursos Jurídicos de São Paulo e Olinda.

Precedentes históricos, debates da Assembléia Constituinte de 1823, Decreto de 1825 com os Estatutos do Visconde da Cachoeira, completa tramitação legislativa da Lei de 11-8-1827, com a íntegra dos debates da Assembléia Geral Legislativa (1826-1827), sanção imperial e inauguração dos Cursos de São Paulo e Olinda.

Índices onomástico e temático

410 páginas

**PREÇO: Cr\$ 500,00**

Pedidos pelo reembolso postal à  
**SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL**  
(Anexo I) — Brasília — DF — 70160

# LEGISLAÇÃO ELEITORAL E PARTIDÁRIA

(4ª edição — 1982)

Leis e Instruções que regularão as eleições de 1982

*Textos atualizados, consolidados, anotados e indexados:*

- Código Eleitoral
- Lei Orgânica dos Partidos Políticos
- Lei das Inelegibilidades
- Lei de Transporte e Alimentação
- Lei das Sublegendas

*Legislação alteradora e correlata.  
Instruções do Tribunal Superior Eleitoral.*

À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas  
— Senado Federal (22º andar do Anexo I) —  
Brasília, DF — CEP 70160, ou mediante vale postal  
ou cheque visado pagável em Brasília (a favor da  
Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal).  
Atende-se, também, pelo reembolso postal.

**Preço: Cr\$ 1.000,00**

# **DIREITO FINANCEIRO**

**Lei nº 4.320, de 17 de março de 1964, que “estatui Normas Gerais de Direito Financeiro para elaboração e controle dos orçamentos e balanços da União, dos Estados, dos Municípios e do Distrito Federal”.**

Normas disciplinadoras da matéria.

Plano de contas único da Administração Direta.

3ª edição ampliada — 1981

278 páginas

**Preço: Cr\$ 600,00**

**À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas — Senado Federal  
22º andar — Brasília, DF — 70160, ou pelo REEMBOLSO POSTAL**

# SEGURANÇA NACIONAL

(2ª edição — 1982)

Lei nº 6.620, de 17-12-78

Índice temático. Tramitação legislativa

- Legislação vigente (Lei nº 6.620/78) comparada, artigo por artigo, à legislação anterior (Decretos-Leis nºs 314/67 e 510/69 e Lei nº 1.802/53).
- Notas a cada dispositivo: legislação correlata, comentários de juristas e da imprensa, elaboração legislativa.
- Textos constitucionais e legislação ordinária (de 1824 a 1982).

368 páginas

**Preço: Cr\$ 800,00**

À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas

Senado Federal

22º andar — Brasília—DF

Encomendas mediante vale postal ou cheque visado (a favor da Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal) ou pelo REEMBOLSO POSTAL.



**Centro Gráfico do Senado Federal**  
**Caixa Posta 07/1203**  
**Brasília — DF**

**EDIÇÃO DE HOJE: 24 PÁGINAS**

**PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr\$ 50,00**